



TEMPO DE CONTAR

Andréa Bandeira
ORGANIZADORA





TEMPO DE CONTAR

Andréa Bandeira
ORGANIZADORA



UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO - UPE

REITORA

Profa. Dra. Maria do Socorro de Mendonça Cavalcanti

VICE-REITOR

Prof. José Roberto de Souza Cavalcanti

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO - EDUPE

MEMBROS INTERNOS

Prof. Dr. Ademir Macedo do Nascimento

Prof. Dr. André Luis da Mota Vilela

Prof. Dr. Belmiro Cavalcanti do Egito Vasconcelos

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura

Profa. Dra. Danielle Christine Moura dos Santos

Profa. Dra. Emilia Rahnemay Kohlman Rabbani

Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho

Profa. Dra. Márcia Rejane Oliveira Barros Carvalho Macedo

Profa. Dra. Maria Luciana de Almeida

Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos

Prof. Dr. Rodrigo Cappato de Araújo

Profa. Dra. Rosângela Estevão Alves Falcão

Profa. Dra. Sandra Simone Moraes de Araújo

Profa. Dra. Silvânia Núbia Chagas

Profa. Dra. Sinaia Mônica Vitalino de Almeida

Profa. Dra. Virgínia Pereira da Silva de Ávila

Prof. Dr. Waldemar Brandão Neto

MEMBROS EXTERNOS

Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento - Universidade Tiradentes (Brasil)

Profa. Dra. Gabriela Alejandra Vasquez Leyton - Universidad Andres Bello (Chile)

Prof. Dr. Geovanni Gomes Cabral - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Brasil)

Profa. Dr. Gustavo Cunha de Araújo - Universidade Federal do Norte do Tocantins (Brasil)

Prof. Dr. José Zanca - Investigaciones Socio Históricas Regionales (Argentina)

Profa. Dra. Leticia Virginia Leidens - Universidade Federal Fluminense (Brasil)

Prof. Dr. Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho - Instituto Federal da Bahia (Brasil)

Prof. Dr. Pedro Gil Frade Morouço - Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)

Prof. Dr. Rosuel Lima-Pereira - Universidade da Guiana - França Ultramarina (Guiana Francesa)

Profa. Dra. Verónica Emilia Roldán - Università Niccolò Cusano (Itália)

Prof. Dr. Sérgio Filipe Ribeiro Pinto - Universidade Católica Portuguesa (Portugal)

DIRETOR CIENTÍFICO E COORDENADOR

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Felipe Ramos da Paixão Pereira Rocha

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

Renan Cortez da Costa

DIAGRAMADOR E DESIGNER

Aldo Barros e Silva Filho

REVISÃO DE TEXTO

Angela Maria Borges Cavalcanti



Catálogo na Fonte (CIP)
Universidade de Pernambuco
Núcleo de Gestão de Bibliotecas e Documentação - NBID
Elaborado por Cláudia Henriques CRB4/1600

T282 Tempo de contar / Organização de Andréa Bandeira Silva de Farias. -- Recife : EDUPE, 2023.
160 p.
ISBN: 978-65-85651-07-3
[recurso eletrônico]

1. Cultura de Pernambuco. 2. Festivais. 3. Patrimônio cultural - Pernambuco. 4. Música. 5. Poesia. 6. Fotografia. I. Farias, Andréa Bandeira Silva de. II. Coordenação de Cultura (PROEC). III. Universidade de Pernambuco. IV. Título.

CDD: Ed. 23 -- 306.086



Foto 1 – Palco do Festival no Auditório da FESNG. Imagem do acervo da PROECCultura.

Sumário

APRESENTAÇÃO	15
Andréa Bandeira Silva de Farias	
FESTIVAL DE POESIA	19
Retrato Retinto	
Isabella Santos Maia da Silva	21
Premiação 1º Lugar	
Isabella Maia, poesias	23
Acalentos	24
Amor Covarde	25
Arrependimento	27
Conexões	28
Estética do Coração	29
Malunguinho Vive!	30
(Mar)ço de Esperanças	33
Regalia de Ler	35
Soneto de Docente Despedida	36
Crisálida	
Priscila Prosini	38
Premiação 2º lugar	
Setembro	
Priscila Prosini	39
Premiação 3o lugar	
Priscila Prosini, poesias	40
A Bruxa	41
Lamento	42
Finitude	43
Tempo	44
Poema	45
Olhares	46
Proposta	47
Libertas	48
Oito de Março	49
Esperança	50
CRÔNICAS FOTOGRÁFICAS	51
Imagem 1	
Tarde em mangueira da Torre,	51
de Maria Fernanda Gouveia Marinho	
Imagem 2	
Casa Sisterna Vila Independência,	52
de Maria Fernanda Gouveia Marinho	

Imagem 3	53
De Rubem Benante	
Imagem 4	54
De Rubem Benante	
Imagem 5	
Santo Amaro,	55
de Paulo Henrique Pires de Oliveira	
Imagem 6	56
De Vitor Diogo da Silva	
TEMPO DE CONTAR	57
Hoje	58
Iago do Prado Neves	
Âmago	59
Iago do Prado Neves	
As Batalhas da Vida	60
George Luiz	
Pensamentos de fúria em poesia sem forma	61
George Luiz	
Ombro Amigo	62
Clénia Leite	
O cercear da rotina	63
Iane Manuele de Torres Bandeira	
Encontrar-se	64
Iane Manuele de Torres Bandeira	
Autoestima	65
Iane Manuele de Torres Bandeira	
Imensidão	66
Iane Manuele de Torres Bandeira	
Amor de Asura	67
Wennington Dias dos Santos Silva	
Amor de Cerejeira	68
Wennington Dias dos Santos Silva	
Lágrimas que transbordam	69
Wennington Dias dos Santos Silva	
Alma	70
Ericleide Silva	
Âmago	73
Débora Santos	
Caellach an shae ypp: Quando o sol se uniu aos céus	
Hofgrird: o conto da descendência	79
Juan Leal	
Mensagem 1	85
Diego Rafael de Oliveira Dias	
Mensagem 2	85
Diego Rafael de Oliveira Dias	
Confete e Serpentina	87
Maria Clara Barros Santos	

As Velhas Estrelas	88
Maria Clara Barros Santos	
Espaço	89
Maria Clara Barros Santos	
Indescritível	90
Joingridy Araújo	
Falta	91
Joingridy Araújo	
Reflexos	92
Joingridy Araújo	
Ana Carvalho/Carnaval	93
Joingridy Araújo	
Noites de verão	94
Joingridy Araújo	
Êxtase	95
Joingridy Araújo	
And you Love	96
Joingridy Araújo	
Poemas 1	97
Vitoria Emanuely dos Santos Bezerra	
Quando você chega	99
Maria Eduarda Felipe do Nascimento	
Projeção	100
Ericson José de Souza	
Borboletas em gaiolas	102
Maria Fernanda	
Insônia - Poema	103
Maria Fernanda	
Café	104
Renan Camilo Braga	
Morena	105
Camilo Braga	
Vida	106
Verônica Maria de Farias	
Você e Eu	107
Verônica Maria de Farias	
Alô?	108
Heldio Villar	
A história do menino que deu uma volta de moto	112
Iago Patrick Rodrigues da Silva	
Eu sou um mestre do 21	113
Guilherme Pontes de Oliveira Lima	
O torcedor do Vasco que devia a uma agiota	117
Fernando Laguzza de Oliveira Filho	
Encadeamentos	118
Ruben Carlo Benante	
A saga de Ayrton e Petra no apocalipse de zumbis calvos	122
Ayrton Eleoterio Marins Silva	

Após 6570 Dias Guilherme Medeiros	123
Contemplando a betoneira Lucas Higinio Monteiro	124
A história do macaco Fernando Petra Baía de Lucena Queiroz	125
Balada de um homem cansado Clodoaldo Rocha	126
Uma caçada galática Pedro Henrique Barros Pinheiro	129
A princesa Petra que não gostava de pobre Renan Feitosa Cartaxo	130
A história da tatuagem Jefferson Augusto de Oliveira Leite	132
Tempo Camila Póvoas Tavares	133
Ser diferente é especial Rafaela Santino da Silva	137
Mariana e a conquista do século Rafaela Santino da Silva	138
Se eu estivesse pronta Daniele da Silva Lopes	139
Amizade virtual Daniele da Silva Lopes	140
Mal iniciado, acabado. Daniele da Silva Lopes	141
Tem uma mulher asiática morando na minha casa Gabriel Alves de Lima	142
Súplica Adriano Felipe da Silva	143
Lágrimas vazias Adriano Felipe da Silva	145
1. O invisível aos olhos Gabriele Joana de Souza Feliciano Da Silva	146
2. Minha história Gabriele Joana de Souza Feliciano Da Silva	147
3. Texto Gabriele Joana de Souza Feliciano Da Silva	148
A princesa do nordeste em: era sol o que eu sempre quis! Paulo Henrique Carneiro de Vasconcelos	149
fenda Clecia Juliana Gomes Pereira Amaral	150
palma das mãos Clecia Juliana Gomes Pereira Amaral	151
cordia umbilical Clecia Juliana Gomes Pereira Amaral	152
Sobre Desacostumar Clénia Leite	

Poesia de Jane Bandeira

lane Manuele de Torres Bandeira

SOBRE A COMISSÃO JULGADORA

Andréa Bandeira	154
Emanuella Mirna	155
Mãe Beth de Oxun	156
Raphael de França	157
Renan Cabral	158
Rosa Tenório	159



Foto 2 - Participação da Notório Saber Mestra Mãe Beth de Oxum no Festival, Auditório da FESNG.



APRESENTAÇÃO

ANDRÉA BANDEIRA SILVA DE FARIAS
Coordenadora de Cultura PROEC/UPE

A Universidade de Pernambuco reconhece a cultura como recurso metodológico eficiente na aproximação das pessoas com suas realidades próprias e individuais e projeção de suas consciências coletivas.

A partir da sua Coordenação de Cultura (PROEC), incentiva e apoia a produção, distribuição e consumo da cultura dentro e fora da comunidade acadêmica, garantindo a ampla participação de grupos e setores sociais, interna e externa aos seus muros, bem como trabalha no fomento à produção e à difusão de produtos literários (poesia e prosa), de imagem (desenho, fotografia, vídeo) e de som (nas diversas categorias musicais), garantindo a autonomia das obras e manifestações autorais e originais, além de valorizar e qualificar a guarda da memória e do patrimônio cultural imaterial de Pernambuco.

Ab ovo, essa Coordenação entende a cultura como manifestação da experiência social que transversa e reflete a vida em sociedade, o que justifica a criação de editais, tais como: Festival de Música e Poesia, Tempo de Contar e Crônicas Fotográficas.

O Festival de Música e Poesia é um edital (PROEC 06/2022) que seleciona músicas e poesias autorais, inéditas ou não, para compor a sua programação. Desde a sua primeira edição, o edital tem ampliado a participação de artistas e composições, ao se preocupar com a inclusão da língua de sinais entre as opções de linguagem e minimizar as distâncias geográficas, ao adotar a inscrição virtual das candidaturas, com a primeira etapa do concurso acontecendo através das redes sociais. As playlists são expostas no UPENasRedes, favorecendo a ampla participação da sociedade na escolha das músicas e poesias premiadas.

Tempo de Contar (PROEC 09/2022) é um edital criado a partir do entendimento de que é preciso desfiar e desafiar a realidade, uma vez que a expressão literária como forma de narrativa (na escrita) admite a parcialidade de quem está na inexorável individualidade que é/de viver e a imparcialidade de quem se expressa através das linguagens, produtos sociais.

Tempo de Contar retoma o projeto de Seleção de Crônicas da UPE, porque entende que a literatura é uma arte, que nos protege do esquecimento e facilita a compreensão sobre todas as coisas vividas, individual e coletivamente, de maneira lúdica; aquiesce e acalma os sentimentos, porque acredita que a palavra escrita funciona como um móvel que desperta a tecitura das vidas que vivem conjuntas e que o cotidiano separa; porque cumpre o seu papel de catalizador do conhecimento sobre ocorrências adormecidas; porque, tornadas crônicas, essas ocorrências serão celebradas.

As crônicas e os poemas inscritos e classificados revelam, como retratos de vida, as emoções profundas que nos tornam humanos. Nas letras e nas linhas de cada prosa e poesia que integram este e-book, cada poeta nos oferta o seu e o nosso mundo imaginado e decantado no estado da arte.

O edital Crônicas Fotográficas (PROEC Cultura 10/2022) convida a comunidade upeana para um diálogo fotográfico, em que narrativas feitas de imagens reflitam e destaquem o impacto da UPE nas questões sociais locais e regionais, dentro e fora dos muros acadêmicos, usando ferramentas de capturas mais ou menos sofisticadas desde as câmeras fotográficas e smartphones até os celulares.

A Universidade de Pernambuco entende que possibilitar esse diálogo lúdico é pertinente e necessário porque garante à comunidade o reconhecimento da sua participação integral na vida universitária, bem como o caráter humano e social da instituição acadêmica para além de toda a cientificidade para o qual foi fundada.

Crônicas fotográficas pretendem se tornar um espaço onde a imaginação se encontre com as imagens e as muitas e diversas ocorrências da vida sejam celebradas e imortalizadas.

As imagens inscritas e selecionadas têm impacto visual (são capazes de sensibilizar e surpreender o espectador, originalidade (são criativas e diferenciadas) e domínio da técnica e da estética, além de refletirem aspectos relevantes

da identidade social da UPE, uma vez que estão associadas às atividades científicas, acadêmicas, tecnológicas, extensionistas ou rotineiras, desenvolvidas, cotidianamente, pela comunidade upeana para a sociedade pernambucana.

Com o objetivo de incentivar e promover a arte e a cultura popular, além de envolver docentes, discentes e técnicos(as) em processos culturais, sejam enquanto autoria de produtos artísticos ou avaliação das candidaturas, os editais propostos pela PROEC Cultura têm inscrições gratuitas e resultam em publicações com ampla divulgação.

Nas atuais edições dos editais da Cultura, o tema é livre, porém transversado pelo contexto da pandemia de COVID-19 no mundo.

Isso se explica porque a experiência da pandemia de COVID-19 criou um lapso de tempo: suspendeu nossa impressão da adusta realidade para que pudéssemos sobreviver ao inóspito e ao incompreensível. Nossas atenções voltadas para o dia a dia enxergavam sem querer ver o que nos acontecia e o que nos acometia a doença implacável e, muitas vezes, fatal. Mas nossas memórias indomáveis captaram os momentos; as falhas no lapso de tempo guardavam fotografias dos instantes fugazes ou intermináveis das nossas emoções para quando chegasse o tempo de contar através das crônicas literárias e fotográficas, das músicas e poesias que chegaram aos editais e ao Festival.

O resultado é este e-book e, na sequência, desfilam as letras poéticas inscritas nos editais Festival de Música e Poesia (apenas as inscrições na categoria Poesia) e Tempo de Contar, com as imagens inscritas no edital Crônicas Fotográficas intercaladas, considerando a combinação temática entre as imagens e as escritas, formando uma composição pernambucana à Cultura.

Uma boa experiência literária e visual...

Recife, 12 de dezembro de 2022.



FESTIVAL DE POESIA



Foto 3 - Participação convidada de Larissa Veloso - solo, voz e violão - no Festival, Auditório da FESNG. Imagem do acervo da PROECCultura.



A GRANDE FINAL



A última etapa da terceira edição do Festival de Música e Poesia aconteceu no dia 1 de dezembro de 2022, no Auditório da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças- FENSG, Campus Santo Amaro/Recife.

O evento, repleto de atrações convidadas, contou com a participação solo de Larissa Veloso – voz e violão –, d’Os Caetanos – banda pop –, do grupo MaracaFENSG – de cultura popular –, e a especial presença da mestra e iarolixá Mãe Beth de Oxum – Patrimônio Vivo (CEPPC/SECULT-PE) e Notório Saber em Cultura Popular (PROEC/UPE) de Pernambuco.

Nessa edição, que ocorreu de modo híbrido, com etapas remota e presencial, 21 produtos foram inscritos para concorrer às premiações, nas duas categorias, Música e poesia. Na categoria poesia, a premiação é esta publicação para ampla divulgação dos produtos poéticos.

A primeira colocada da categoria Poesia do Festival, a poesia vencedora **Retrato Retinto**, de Isabella Santos Maia da Silva, nas palavras da autora, o poema é uma “crítica por meio de uma junção de prosa e poesia, inspirada não só pela liricidade como também pela marginalidade da poesia de rua, as questões raciais focadas diretamente na luta e causa negra [e] apresenta referências da inclusão social [relacionada com] a comunidade surda, através da expressão e representação de alguns sinais da Libras dentro da interpretação”.

Isabella Maia é uma estudante e artista recifense, nascida em 11/01/2005. Escritora do IV livro da antologia Ser Poeta, Poesia na Rede. Premiada em primeiro lugar na categoria Poesia dentro da 3ª edição do Festival de Música e Poesia da UPE, realizada em 2022. Apreciadora da arte e da cultura, a qual foca em trabalhar de forma inclusiva.

RETRATO RETINTO

ISABELLA SANTOS MAIA DA SILVA
Premiação 1º lugar

Amigo preto, amigo branco,
Meu sincero cumprimento,
Com prazer e satisfação
Que me glorifico e me lamento.
Pois de punhos cicatrizados,
Sem corrente ainda me sinto acorrentado
Por séculos marcados de suplício e de tormento.

Calaram-me, mesmo que se sem falar,
Prenderam-me, mesmo que sem fazer,
Abusaram-me, mesmo que sem assentir,
Arrancaram-me, mesmo que sem querer.
Outrora tiraram-me a cria,
Outrem tiraram-lhe a vida: “Tudo bem, recria!, disseram-me.
Malditos 353 anos que até hoje faz doer.

Porque, mesmo no século XXI,
Ainda vejo preto mirado
Por uma arma de balas perdidas
Que só acerta o alvo errado.
Escorre sangue no chão da periferia,
Escorre choro no rosto de Dona Maria:
“Tende misericórdia, Senhor. Ele só tava indo ali no mercado.”

Mas já diria Elza no seu cantar,
A carne mais barata do mercado tu já sabes qual é
Que alimenta o teu racismo,
Se sacia da ralé,
Que sinto em te dizer, mas de rala não tem nada
E se minha fala não te agrada
De pouco faz, pois dela é que sigo em pé.
O retinto da minha cor
É o que retinta minha alma,

A cabeça trançada e o tambor que toca
É o que me rege e me acalma.
Não sou moda nem tendência,
Sou história e resiliência,
Aprendi a traumatizar o trauma.

Navio Negreiro que afunde,
Pois português não me embarca nunca mais.
Que junto se vá cada chicote
E cada corte fincado por capataz.
Carrego a força de Zumbi, Dandara e José,
Yalorixá comande de onde tiver,
Que na fé eu prego dor preta deixada pra trás.

Que um dia nós lutemos uma só luta,
Que um dia nos juntemos por uma só causa,
E que a vitória seja perpétua
Com um desfecho e não uma pausa.
Porque de nossa pele só sai orgulho,
De nossas bocas só o barulho
Que grita por desestruturação dessa sociedade agressiva e falsa.

Engula seu racismo!
Isso não é vitimismo!
Não queremos elitismo!
Pelo fim do hierarquismo!
Preto não é consumismo!
Não aceite o conformismo!
Amaldiçoado seja o imperialismo!

ISABELLA MAIA, POESIAS



A poética de Isabella Santos Maia da Silva conquistou a Comissão Julgadora da terceira edição do Festival de Música e Poesia da UPE e ganha mais espaços nesta publicação. Os dez títulos cedidos pela autora para compor e abrilhantar esta peça literária reflete o fôlego e a sensibilidade da autora em nos contar das nossas tramas cotidianas.

ACALENTOS



De ladeiras em ladeiras,
Subiria quantas mais houvesse
Quantas mais te tivesse,
Caminharia trilhas árduas inteiras.

De quintais em quintais,
Debruçaria em redes de descanso
Debaixo de palmeiras de remanso
E esperaria tua vinda por mais.

De tons em tons,
Entraria em pequenos estúdios,
Afinaria violões nos subúrbios,
Almejando te atrair aos meus sons.

De Copas em Copas
Viajaria por qualquer país,
Entraria em campo até sem tênis,
Te procuraria em bancos por horas.

De cinemas em cinemas,
Compraria todos os ingressos
Reveria os filmes menos acessos
E oraria para que lesse esse poema.

Pois assim,
Em qualquer lugar
Ou em qualquer instância,
Em qualquer andar
Ou em qualquer constância,
Iria ver me entregar
Para diminuir a distância
E tentar te fazer voltar

Para meus braços
e acalentos.

AMOR COVARDE



O amor do novo século
É supérfluo e covarde,
Decadente e minúsculo,
Amedronta o que arde,
Reprime qualquer vínculo,
Deixa tudo pra mais tarde.

Se faz tudo em aberto
Não quer a liberdade una,
Não se prende por perto
Pois se põe uma lacuna,
Vive dentro de um deserto
Achando que tem fortuna.

Crê ser amado igualmente
E o amor é repartido,
Só que não agradavelmente,
Pois se parte e é partido.
Deixa o amargor de ser amante
Não amada do querido.

Não permite ser prioridade,
Não sabe o que é ter alguém
Para se entregar de verdade
E ter olhos para mais ninguém,
Por admirar a singularidade
Do que apenas ele tem.

Porque o amor é exclusivo
E visa ao que tem por dentro,
Pois o coração é incisivo
E a carne quer ser o centro
Do que é passageiro e crivo.
Amor que não é casa, não entro.

Quero abrir janelas e portas
Para o que guarda e é real,
Ao que cuida e que cativa,
O que é intimamente leal.
Serei de quem ama sem medo
E me refletirá como um auroreal.

ARREPENDIMENTO



Faz

Chora

Repete

 Faz

 Chora

 Repete

 Faz

 Chora

 Repete...

Falso arrependimento

Que insiste em persuadir

De que será um vão momento

E não voltará a repetir,

Entre lágrima e lamento,

Não há como fugir

Do que tornou contentamento.

CONEXÕES



Conectar-se:

Com a taça que brinda a ida dos amores
pela vinda de outros.

No sacramento e louvores
para o que se acredita.

Em meio às angústias e às dores
sobre o pulsar de um coração.

Entre os sabores
que satisfazem um corpo faminto.

Acerca das cores
nas quais compõem as ilusões da vida.

E sob os valores
que te dizem o que serás.

Tudo se vincula,
por ti,
por mim.

ESTÉTICA DO CORAÇÃO

A estética sempre pode mudar:
Na vida, em atualização,
Em nós, é fácil transformar.

Ali, vou aumentar,
Aqui, faz aplicação,
Assim, pode ajeitar.

Difícil mesmo é retocar
Tudo o que vem do coração,
Tudo o que não se pode tocar.

O que então melhor avaliar?
O sustento da canção
Ou o palco pra sustentar?

O que então melhor levar?
O rosto de bom padrão
Ou a mente que faz guardar?

Caráter jamais vi leiloar.
Valores em inversão,
Interior, poucos vão remendar.

Pois a harmonização de se doar,
Já nasce sem custo
Em quem não precisa reparar.

Decisões podem nunca mais
voltar a ser o não
Que tentou se afirmar.

Ainda prefiro o bom olhar
Do que escolher em vão
Quem não sabe enxergar.

MALUNGUINHO VIVE!



Nos livros de história
O Brasil ainda foi descoberto,
Bem-vindo ao país
Que o inocente é o errado
e o culpado é o certo,
Porque medindo a distância de Cabral,
O índio já tava muito mais perto,
Por perto. Aqui!
Depois que veio o homem branco pra invadir.

Corra!
Seja livre, não tenha medo,
tá tudo bem...
É! Mas se eu corro,
Já tem gente me mirando pensando que roubei alguém.
Quero ver viver a vida,
Quando antes se prefere ver a cor do que a quem.

Prefiro
que eu mesma fale por mim
E que eu fale a verdade,
Falo hoje e agora
Pois amanhã pode ser tarde:
Ainda acreditam maior que
cor do Malunguinho
Ser a cor do Cândido Duarte.
Afinal, quantas escolas você conhece que tem nome de preto?
Antes do casarão

Já resistiam quilombo e gueto.

Engraçado, né?
Tu tem medo do batuque
Que toca lá no terreiro,
Mas não teme o falso profeta
Que rouba o teu dinheiro,

Que finge estar no culto
E vai curtir o estrangeiro,
Dizendo que ama a Deus,
Mas ama o próprio reflexo.
Num mundo carente e mentiroso
Vivenciar a paz se tornou complexo.

Tu sabia que os Senhores de engenho conseguiram embranquecer indígenas e pretos?
Sim, quando os tornaram esqueletos.
Mas entre osso ou entre carne
A alma que prevalece,
Dela se faz a luta
Da luta, o corpo padece
Pois nosso grito ainda ecoa
No Brasil que retrocede.

Mas vamos sobreviver.
Por isso entenda de uma vez:
Nem só de Amazônia vive indígena,
De muitas terras ele se fez.
Se fez de cura e cultura,
Com ou sem nudez,
E se é isso que você censura,
Então censure sua estupidez.
São quase 1 milhão aqui no Brasil
E só se quer falar deles
No dia 19 de abril,
No restante do ano é
“ninguém sabe, ninguém viu,”

Criaram e falam 7 mil línguas mundiais,
Mas o mundo fez pouca validez,
Pois dentre tantas opções
Se valoriza só inglês.
A globalização é seletiva, neguim,
Desclassifica o indigente.
Ah, quase esqueci de te lembrar:
África não é país,
É continente.

Mais de uma mulher indígena em cada três sofre violência sexual,
Mais chances de ser agredida,
Maior taxa de mortalidade maternal,
Brasil de desordem e retrocesso social
Que o valor é dividido e definido
Por causa de uma genital.

Povos indígenas tendem a viver 20 anos menos que outras pessoas,
É da mata que tu mata
Que o lamento dessa gente entoa,
Vidas de animais
Que se estão tirando à toa.
Já não vivem mais,
Sobrevivem
Ou pelo menos tentam sobreviver,
Enquanto sabem que existem.

Não se pode mais pescar,
Pois os peixes estão sumindo,
Não se pode mais aguar,
Pois a seca vem surgindo.
As canoas já viraram
Já não se deve perder mais um único segundo,
Agora só resta recorrer a fé,
Pedir proteção à imagem do malungo.

Essa realidade só a gente pode mudar,
E se não mudarmos,
O mundo logo mais vai nos mostrar,
Mostrar que tudo o que fazemos
Um dia nos vem a retornar.
Pois a displicência nos fazem esquecer de cuidar,
E as guerras nos fazem esquecer de amar.
Mas de uma coisa ao menos posso te assegurar:
Se depender de mim, na roda tu pode até pisar em coco,
Mas tu nunca vai pisar nesse cocar.

(Poesia marginal em homenagem à inauguração do
Núcleo de Estudos Étnico - Raciais Malunguinho)

(MAR)ÇO DE ESPERANÇAS

Que do cais da vida
Se embarque a guerra
Para que as águas de março a levem
Sem direito de retorno à Terra.
Às vezes é por falha de um só peixe
Que o cardume inteiro erra.

Queremos poder molhar nossos pés,
Despreocupados de pisar em corais que nos ferem,
Sentir-se afundar na imensidão
De coisas boas que nos querem,
Sem o medo de vagar perdidos
Por ter faróis que nos cerquem.

Toques da brisa na pele,
De vista ao horizonte,
Acima a luz se põe,
Abaixo se põe a fonte.
E nas mãos de quem vê, caneta e papel...
Para que canhões, se esse já é o maior afronte?

Oh, mar,
Que ouço, mas não vejo,
Não sei o que me escondes
Decerto suplico e desejo:
Deixe que teu sal nos purifique
E nos dê a leveza de um velejo.

Me apavora pensar no dia
Em que não poderei mais te mergulhar,
Por displicência da gente
Que não soube te cuidar,
Todavia, entre luta e covardia,
Ainda me resta acreditar.

Pois em todo encontro de sol e mar
Existe, na areia, uma criança
Moldando um castelo
Com os olhos da esperança,
Confiante de que seu forte não cairá
Com a vinda da onda mansa.

REGALIA DE LER

O ato de ler é regalia,
É pra quem tem bom gosto
E preza por sabedoria.
A capa do livro é o rosto
E as laudas se afiliam
A tudo o que é composto.

Composto de palavras
Que permitem ver o invisível,
Nos dá chaves para entradas
Das portas do inacessível,
Como um conto de fadas
Onde tudo se torna possível.

Pena que o custo é alto
Pela vontade de conhecer,
Um verdadeiro assalto
Sobre o preço de aprender.
Principalmente em ressaltado
A quem quer, mas não tem poder.

Livros deveriam ser de graça,
Distribuídos a qualquer um,
Espalhados pela praça
Em prol de um bem comum,
Que acolhe e que abraça
Sem interesse nenhum.

Do mais velho ao mais jovem,
Do mais rico ao mais pobre,
Arte que todos se envolvem.
Que a quantia de leitores redobre
E mais folhas se renovem.
Que não nos falem sonhos, mas sobrem.

SONETO DE DOCENTE DESPEDIDA



Da lousa restara só o vazio de sua cor,
Uma chamada ausente
Numa sala condolente,
Da doce docência não sobejou sabor.

A falta se fez presente.
Não levou o que aprendi
Nem momentos que vivi,
Mas o sorriso é descontente.

De luto o coração,
Em pesar a quem ficou,
A quem foi em oração.

Na mente folheio recordações,
Pois doença nenhuma me arranca
Minhas cursivas e alentas lições.

(Uma homenagem aos professores falecidos pela Covid-19)



OUTRAS PREMIAÇÕES

O segundo e o terceiro lugares foram conquistados pela poesia natural e urbana de Priscila Prosini, intituladas Crisálida e Setembro.

Priscila Prosini é professora do Curso de Odontologia da Faculdade de Odontologia de Pernambuco (FOP-UPE), onde também é Coordenadora do Curso de Especialização em Ortodontia e exerce o cargo de vice-diretora.

Sua paixão pela escrita iniciou, quando ainda era menina, por volta dos 12 anos, no então curso ginásial, quando escreveu diversos poemas, redações e foi letrista de músicas; nessa época, foi vencedora de diversos concursos de redação em seu colégio e de um certame estadual.

Depois, um longo hiato de produção de textos artísticos teve início, quando entrou no científico. Dedicou-se intensamente ao vestibular de Odontologia da UFPE, passando em 5o lugar; depois mergulhou no universo de sua futura profissão, sendo aluna laureada da turma de Odontologia da UFPE em dezembro de 1987.

Em 1988, classificou-se em segundo lugar para o mestrado em Odontologia e, em 1990, foi classificada em primeiro lugar como cirurgiã-dentista do Estado.

Neste mesmo ano, ingressou na FOP-UPE, aprovada em concurso público para professora universitária, iniciando sua atividade docente que exerce até hoje.

Seguiram-se as formações com títulos de especialista em Ortodontia e em DTM-Dor Orofacial e o Doutorado em Odontopediatria.

Durante este período, apesar de a autora haver mantido o hábito da leitura e o gosto pela boa literatura, seu foco esteve voltado à produção de textos técnicos, capítulos de livros, apostilas e artigos científicos em Odontologia.

Foi em 2015 que a inspiração literária retornou e se diversificou em depoimentos, poemas, crônicas e em seu primeiro romance, agora no prelo.

Atualmente, Priscila tem poemas selecionados e publicados em coletâneas, participação em livros e premiações em concursos literários.

CRISÁLIDA

PRISCILA PROSINI

Premiação 2º lugar



Quando somos pequenos
E respiramos inocentes
A alegria da vida
Não nos damos conta
Do valor de cada passo
Do tempo, do espaço
E do nosso lugar no mundo
A vida vem decidida,
Repleta de acontecimentos
Que nos marcam a alma...
Ganhamos então cicatrizes
Que ao passar dos anos
Vão se acumulando
E nos desenham em toda a parte
Elas são tão nossas e tão presentes
Que se confundem com a gente
E de repente nos transformamos nelas...
Depois vamos murchando,
Contraindo e ressecando
E por fim nos fechamos
Tal qual um casulo
Lá dentro, suave e manhosa,
Mora a nossa infância
Que nos espera sorrindo,
Ansiosa em nos abraçar...
Deixemos romper-se a casca
Que tão firme nos prende as asas
Para que possamos, enfim, voar

SETEMBRO

PRISCILA PROSINI
Premiação 3º lugar

Há nas flores,
leves e perfumadas,
silencioso mistério
de impermanência
Em suas pétalas,
pairam explícitos
a brevidade tácita
e o acrônico infinito
Se setembro não fosse
viriam em março
e morreriam em abril
Mas faz-se setembro
e somente por isto
convém florescer

PRISCILA PROSINI, POESIAS

A poesia de Priscila Prosini vem conquistando o espaço literário¹. Nesta publicação, temos a oportunidade de desfilarmos sua escrita em dez títulos cedidos pela autora. Boa Leitura!

1 **Outras premiações e publicação da autora**

2019 - Poesia selecionada no Concurso Nacional Novos Portas - Poesia Livre; 2019 - Participação no Livro: Tive Câncer, e daí? Da Professora Sandra Sayão; 2020 - Crônica selecionada para publicação no Livro de Poesias e Crônicas da UPE 2020 - organizado pela PROEC-UPE; 2020 - Publicação na Antologia em prosa e verso - Novos Horizontes / organizada pela escritora Raphaela Nicácio; 2021 - 1o lugar em Poesia no Festival de Música e Poesia 2021 da UPE – organizado pela PROEC-UPE; 2021 - Publicação na Antologia de Literatura - Novo Horizonte / organizada pela escritora Lourdes Nicácio e Silva, e 2022 - Publicação na Antologia de Literatura - Novo Horizonte / organizada pela escritora Lourdes Nicácio e Silva.

A BRUXA



Dentro de toda mulher
(Se olhares bem através dos olhos)
Existe uma bruxa
Ela percebe tua intenção,
Presente teus gestos
E trama para que, sem protesto,
Te prendas a ela irremediavelmente
Se por um descuido a ela te entregares
Padecerás de amor profundo
Provarás a essência do mistério
E todos os sabores do mundo
Viverás plenamente o paraíso
Para então sofrer o castigo
De um tempo depois perdê-la
Se te protegeres de tal sofrimento
Livrar-te-ás do cruel feitiço
Levando no peito, em fuga,
A paz eterna dos escolhidos...
Seguirás, pois, incólume e indomado
Não terás conhecido a bruxa
Nem a sorte de tê-la amado

LAMENTO



Dentro de mim, a menina mora
E olha e quer sair

Encantada com o que pode haver lá fora...
Cai a tarde e a menina, moça agora,
Triste, ainda espera...
É que a criança de outrora
Começa a perceber, em seu lamento,
Que o tempo em seu passar não se demora
E assim, presa em meu peito,
A menina-senhora chora.

FINITUDE



Na ausência, a implacável presença do silêncio
E do vazio que nos preenche e esborra.
Na dor, o cumprimento do único destino que não falha
E que, pelo avesso, define o eterno.
No amor, tudo
E, na saudade, o relembrar infindável das horas...

TEMPO



E afinal o que é o tempo...
A eternidade do gesto
O despertador que toca
A espera de uma vida
O salto da menina
A tinta nos cabelos
O compasso do relógio
O coração em descompasso
As rugas, as luas
As lágrimas puras
O começo, o fim e o recomeço
O constante, o instante
O futuro
O parto prematuro
O passado, as mágoas
Águas passadas
O perdão, o passo à frente
O eterno presente
O final, o permanente
A semente

POEMA



No espelho dos teus olhos
Vejo-me inteira.
Não como sou ou a mim me pareça,
Mas pela leitura com que me contemplos
No espelho dos teus olhos
Sinto-me perfeita.
Respiro a sensação do que é leve
E exalo a doçura com que me enfeitas.
Nele, quero me ver todos os dias
E me enxergar bela e plena
Porque é através dele que me acorrentas
Nesse teu desejo que me liberta.

OLHARES



Como onda que lava a areia
Arrasto meu olhar sobre o teu corpo
Tuas mãos e braços
Teus lábios fartos
Teu rosto
Sem pudor ou embaraço
Sigo a linha do teu queixo
E me deixo sonhar com o teu abraço
Depois, a noite morena
E a aurora do teu sorriso branco
Então desperto
Nesses olhos que ora me fitam
Ora desviam incertos
E nesse jogo de olhares discretos
Encontram-se por um momento
Teus olhos e os meus abertos
Soltos, livres, diretos
Mas presos ao encantamento

PROPOSTA



Beija-me como se fosse eu a primeira
E toca meu coração com seus lábios doces
Com a sede adolescente de quem tem pressa
E o olhar inocente do primeiro amor...
Beija-me como se eu fosse a outra

Envolve-me completamente em teu abraço largo,
Sussurra em meu ouvido palavras e segredos
E toca-me a alma para que eu me saiba única...
Beija-me como se eu fosse a última,
Sossega meu desejo em seu olhar tranquilo,
Afaga meus cabelos docemente
E mostra-me a paz do amor maduro...

LIBERTAS



Se dentro de ti
existe uma alma fêmea
emaranhada em teu corpo feito teia
e em tuas veias
corre quente o sangue das fogueiras,
teu nome é mulher.
Se é teu ventre
o guardião de toda semente,
de teus seios verte branco o primo alimento
e em teu peito bate não só amor
mas todo sentimento,
teu nome é mulher.
E não importa se te percebam
gigante ou pequena
louca ou serena
pura ou obscena...
Recusa os julgamentos,
és mulher, nem mais, nem menos.
E é nesse universo
onde nem tudo é calma,
beleza e harmonia
que deves saber-te livre
de tudo o que te limita...
Abre tuas asas, mulher,
e rompe as barreiras do infinito.

OITO DE MARÇO



É preciso apagar fogueiras
e curar chagas, ainda abertas, de bruxas e de loucas,
e libertar, das alcovas, as escravas
e os gritos abafados na história.
Urge abrigar da fome e da ignorância
As pedintes e as meninas de rua,
Proteger, do escárnio, as prostitutas
E, da hipocrisia, as impuras e as adúlteras.
Carbonizados sejam o medo, a desigualdade e a subserviência
E garantida, a justiça, não só às mulheres, mas a todas as pessoas.

ESPERANÇA



Nas profundezas da alma
onde moram os pesadelos,
abafam-se os gritos
e o ar não chega ao peito,
vivem nossas sombras e segredos
Nesse porão de angústias,
vergonha e medo
onde também transitam
a dor e o arrependimento
existe uma chave esverdeada
que quer ser encontrada
e, travessa, faz-se de brinquedo
Ela brilha no inconsciente
brinca nos pensamentos
e, assim, feito criança, aparece
e se esconde novamente
por entre as nuvens do desalento
Mas por pura sorte
ou porque Deus é perfeito
ela, a chave, pendura-se na memória
e acende-se verde de tempo em tempo...

CRÔNICAS FOTOGRAFICAS

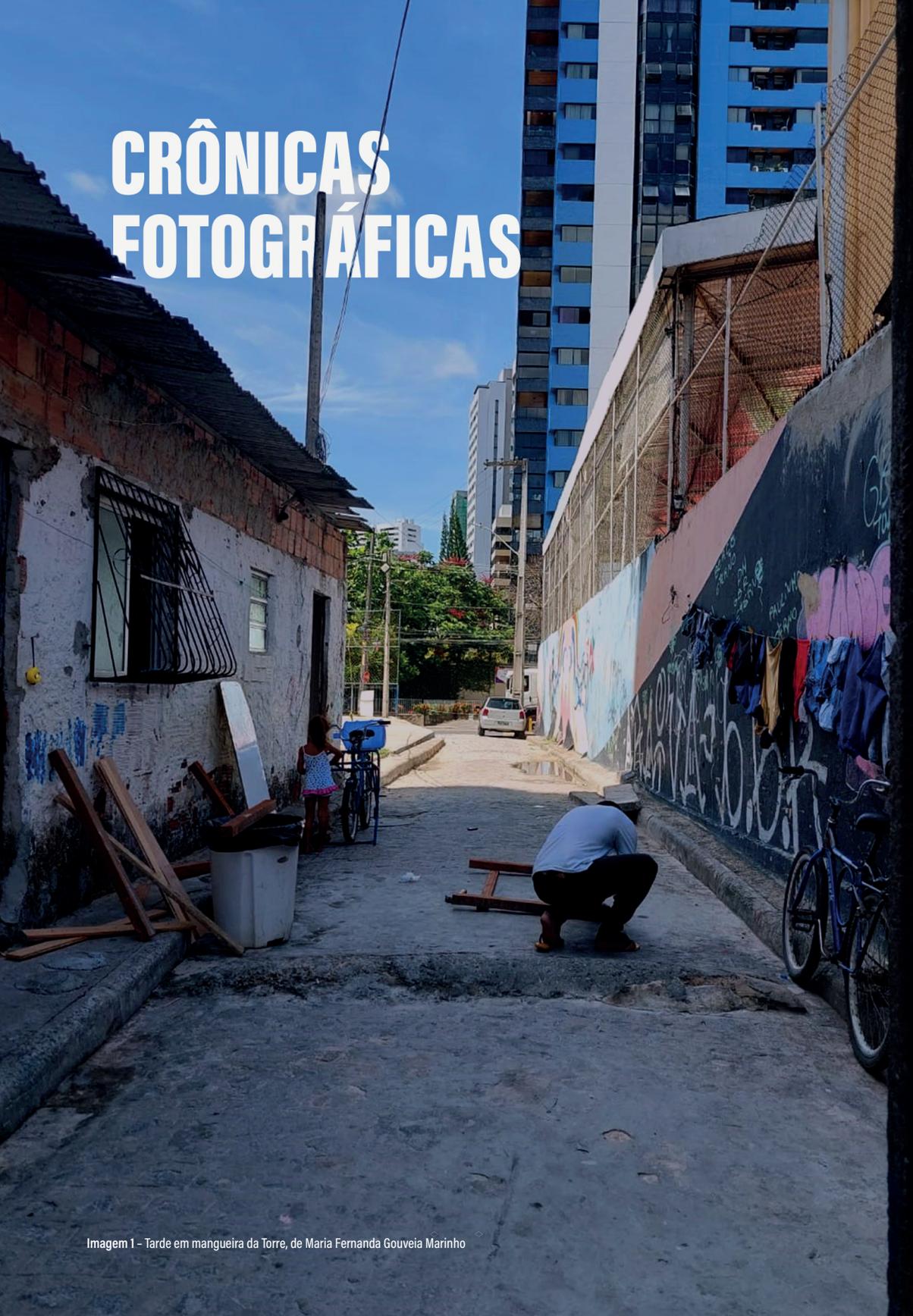


Imagem 1 - Tarde em mangueira da Torre, de Maria Fernanda Gouveia Marinho



Imagem 2 - Casa Sisterna Vila Independência, de Maria Fernanda Gouveia Marinho



Imagem 3 - De Rubem Benante



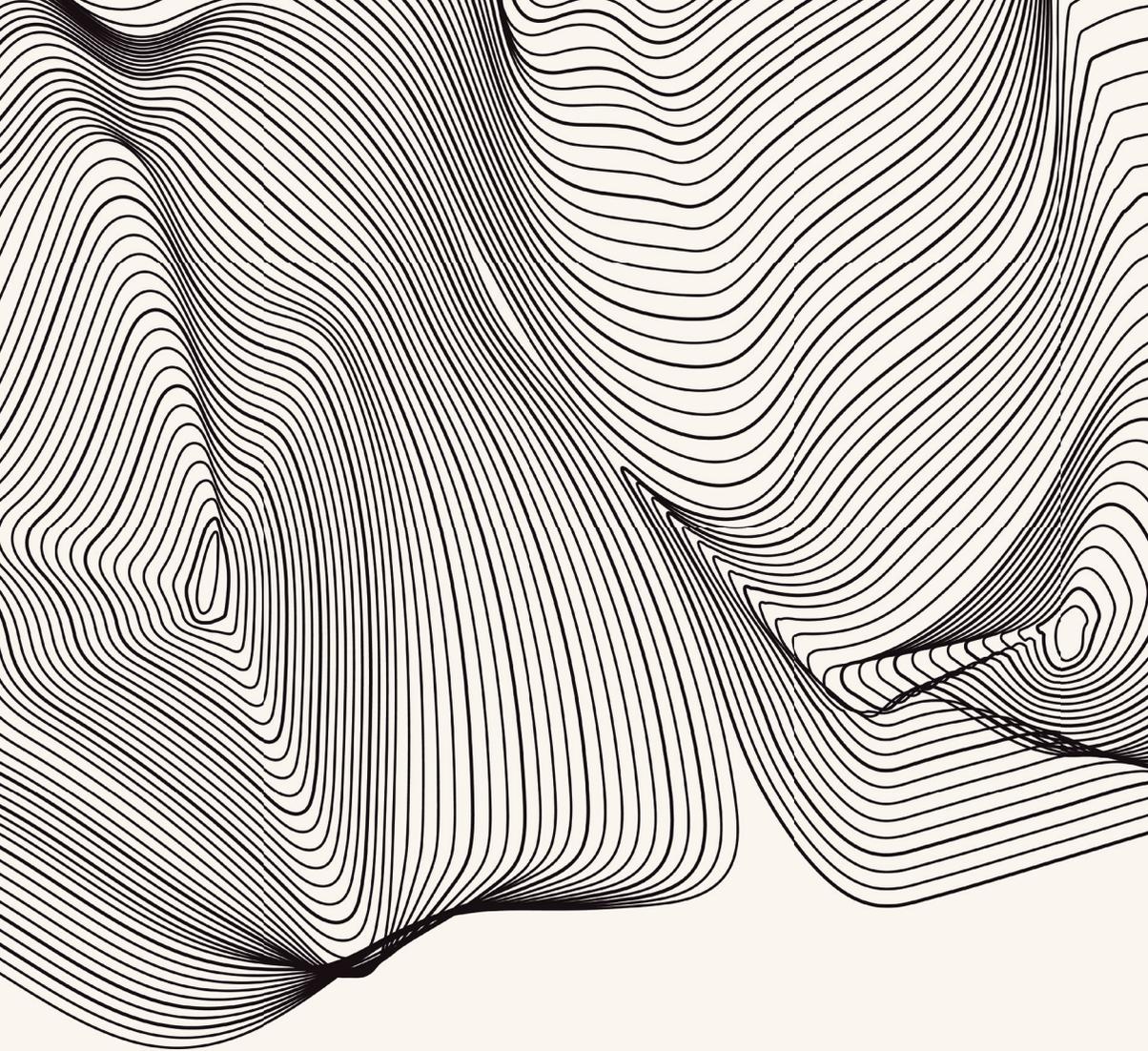
Imagem 4 - De Rubem Benante



Imagem 5 - Santo Amaro, de Paulo Henrique Pires de Oliveira



Imagem 6 - De Vitor Diogo da Silva



TEMPO DE CONTAR

HOJE

IAGO DO PRADO NEVES



Depois de ontem, a felicidade se mostra mais palpável que em outrora
Depois de ontem, sonhar novamente tornou-se uma possibilidade
Depois de ontem, não é que tudo tenha totalmente mudado
Bem, talvez tenha...
Quem sabe?

Depois de ontem, o meu ser se transmuta em direção ao transcendente
Ele anseia pelo néctar primordial da evolução...
É... eu já não sou mais o mesmo, sou?

Depois de ontem, a solidão não mais assusta este coração que fora friável pelas chagas
oriundas do peso da realidade
Os pensamentos e os inquietantes devaneios, antes ocultados pelo inexorável do manto
do destino, hoje veem o lume do âmago da humanidade

Depois de ontem, os ciclos, em inebriante catarse, assumem um novo ponto de partida
E a noite, antes fria e soturna, hoje é a porta entreaberta do futuro
Sim... depois de ontem, mais uma vez, novas escolhas e um novo ser
Depois de ontem, enfim o hoje: uma oportunidade de florescer do pó que jazia esque-
cido no mar insípido do talvez.

ÂMAGO
IAGO DO PRADO NEVES



A noite vem vagarosa
Ela, sem espera, um mergulho em minha atmosfera
Cada sonho, cada cor
Um bálsamo latente de dor

Alívio? Fervor!
Um caos em profundo esplendor

Daqui, de lá
Corre sempre em busca de um lugar
Não sei, mas sabe-se que está
Rodeada de conflitos, busca se encontrar

Ao sol, ao céu
Um mergulho num mar de fel
Para si, para achar
Um alento, uma esquina, um dito bem-estar

Sonhar?

AS BATALHAS DA VIDA

GEORGE LUIZ



E quem por força arrancará nossa esperança?
Quem por inveja apagará nosso sucesso?
Quem por maldade acabará com nossa luta?
Ou causará nossa morte por incompetência?
Ficaremos sempre calados?
Ou soltaremos nossa fúria
que estava presa pela ignorância?
Sozinhos, não somos sequer brisa;
Juntos, somos tempestade!
Lutando, poderemos vencer
Mergulhados na inércia, só conseguiremos derrota
Depressa ou devagar,
de acordo com o tempo.
Só há vitórias com lutas
e lutas exigem sacrifícios.
Os vencedores possuem marcas da peleja
Mas carregam a vitória consigo.
Não há paz permanente nessa vida;
há apenas a esperança dela
Dentro ou fora de nós
sempre acontecem batalhas
e não há como correr delas.
Se fosse fácil viver,
se fosse fácil existir
não seria preciso sonhar
nem seria precisa lutar pela vida que queremos
pois se tudo fosse perfeito,
teríamos tudo e um pouco mais.
A vida é uma luta
que só acaba quando a morte bate à porta.

PENSAMENTOS DE FÚRIA EM POESIA SEM FORMA

GEORGE LUIZ



Tulipas. Campos verdes e prateados
e ventos vermelhos dormindo sobre uma fina camada de desespero.
E tudo fez sentido.
Se foi tudo o que era
ainda há tempo para conseguir
e andar entre águas plácidas.
Não fazia sentido aquilo.
Agora minha mente está livre e voa com asas douradas
em um céu longo e infinito
e não está triste;
por alguns segundos
ela é o que sempre quis ser.
Ela quer correr entre campos infinitos
e ser um pouco livre.
Desenhos de púrpura sobre as calçadas escuras
e não há dor neles; apenas liberdade.
Estou acorrentado
em medos, frustrações, falta de amor
de carinho e sem saudade dos dias.
Não tenho paz.
Sou pássaro de fogo enjaulado em prisões de água.
E nada faz falta.
Quando eu for embora, nunca mais eu vou voltar,
não há saudade da dor.
Hoje são apenas lágrimas, amanhã serão sorrisos
e tempestades azuis sobre um solo sagrado
que irão lançar relâmpagos furiosos
e trarão caos para as mentes antigas.
E serão dias de poesia e fúria.
Poesia e fúria.

OMBRO AMIGO

CLÉLIA LEITE



Dia desses voltando para casa andando, contemplei uma cena que me fez refletir sobre a importância do ombro amigo. Duas mulheres, de uns 30-35 anos de idade, saem de uma clínica médica com algum tipo de resultado de exame nas mãos. De repente, uma delas se encosta no portão mais próximo e desaba em lágrimas. Consegui ouvir um “o que eu vou fazer agora?” entrecortado pelos soluços. Algumas outras palavras inaudíveis foram ditas nesse intervalo, mas não me recordo com clareza. A segunda mulher falava o que acredito terem sido palavras de consolo à primeira. Passei rápido, não queria incomodar ninguém com minha presença. No entanto, não foi difícil presumir que um prognóstico não muito favorável tinha sido apresentado. Aproveitei para trocar de caminho, mais uma vez na tentativa de não incomodar.

Acontece que, mais para a frente, nossos caminhos se cruzaram novamente. Engraçada a vida! Dessa vez, ambas riam. Cerca de cinco minutos separaram as cenas contrastantes. Nesse entremeio? Provavelmente um ombro amigo e consolador foi estendido. Palavras que acalmaram o coração agitado de alguém em desespero. Instantaneamente me dei conta de como aquela cena ilustrava com tanta precisão o significado de amizade, a importância de ter com quem contar na hora da dor. Dizem que dores compartilhadas machucam um pouco menos... acho que é isso mesmo. Fardos divididos ficam mais leves de carregar.

Deu vontade de agradecer a todo o mundo que um dia me ajudou a levar a vida com mais leveza, que ouviu meu choro, minha dor. Quem conheceu meu lado mais frágil de perto e nem por isso saiu correndo assustado. Obrigada por serem ânimo, abraço, amor. Vocês são a prova do cuidado de Deus por mim. Que a gente se permita por mais vezes ser um canal de bênçãos uns para os outros, isso não tem preço.

O CERCEAR DA ROTINA

IANE MANUELE DE TORRES BANDEIRA



A penumbra daquela minha escuridão densa e quente me acompanhava como bezerro ao matadouro.

Outrora amiga fiel de aconchegante solitude, agora fel amargo que custo degustar na imensidão dos meus dias.

E, se por um instante, essa necrose na minha alma voltasse a ser palco dos atrozes e lancinantes momentos de lucidez? Que, apesar de atrozes e lancinantes, me fazem sentir límpida na cruel e fugaz angústia do cotidiano que carrego nas costas.

ENCONTRAR-SE

IANE MANUELE DE TORRES BANDEIRA



Mente cheia, pensamentos emaranhados
Minha voz emudece num imenso grito sem som
Me encontro perdida em meu próprio desabafo
Numa gritante escala de cores sem tom

Estrada sem fim nesse ciclo vicioso
Sentimentos vazios, insuficientes em ser
Queria me achar, nitidar o fosco
Mas talvez me encontrar seja mesmo me perder.

AUTOESTIMA

IANE MANUELE DE TORRES BANDEIRA



Meus olhos sangram poesia
Meu corpo viaja distante
Minha mente sangra histeria
Minha voz emudece gritante

Minh'alma é minha companhia
Num amor entre o eu e o eu
Lutando contra a monotonia
Nesse sentimento só meu

IMENSIDÃO

IANE MANUELE DE TORRES BANDEIRA



Nesse estado de limbo
mergulho profundamente dentro de mim
encontro lacunas que estimo
serem tudo que possuo aqui

E nesse breu eterno
meus sentimentos se calam
-já fui moço, já fui velho
é o que os meus dilemas falam

Falam isso porque vivem
nesse corpo que me limita
mas há bem dentro de mim
uma alma florida que grita

Sou bem mais que um dilema
sou ruído, sou silêncio
escrevi esse poema
pra dizer que sou imenso

AMOR DE ASURA

WENNINGTON DIAS DOS SANTOS SILVA



Ao leste da Ásia, há muito tempo, num pequeno vilarejo chamado Wano, dois jovens se apaixonaram e se casaram. O amor entre os dois era surreal, transcendia os conceitos existentes na época sobre o que é o amor; davam-se muito bem, divertiam-se bastante juntos e não tinham olhos para mais ninguém, era como a lenda do dragão e a fênix, feitos um para o outro e jurados para a eternidade! A menina era suave e leve como as flores que caíam das árvores, yin, e o rapaz era duro e determinado, como o fogo que acendia a fogueira, yang. Ambos se completavam perfeitamente. Sem a paz da garota, o rapaz se encontraria em desequilíbrio, e sem a dureza do rapaz, ela, também; nada parecia ser possível de separar o casal. Porém, alguém não ficava feliz com essa união; seu nome é Asura ou Shura, o Maligno, o Demônio. Ele não gostava da relação que ambos tinham, e por isso sempre estava tentando destruir aquele relacionamento. Certo dia, com sua maligna sabedoria, Asura usou da agressividade que havia dentro do coração do rapaz, de todas as tristezas e desavenças da sua vida e do mundo, que o preocupavam e o enraiveciam, e, com essa faísca, Asura acendeu a chama da destruição na vida dos dois. O jovem, em uma noite de lua vermelha, perdeu a cabeça num surto de raiva; ele vivia uma vida ótima com sua amada, mas o mundo ainda era um lugar imperfeito; o desespero em querer ajudar todos e a raiva que ele sentia do mau o fizeram cair em loucura. Asura o dominou e em seus devaneios passou a destruir toda a casa que eles moravam. Sua amada fez de tudo para salvá-lo, no entanto, no meio do caos, ele a matou... Ao vê-la morta, ele voltou a si e, com amargura manchando sua alma, ele se matou. Acredita-se que a conexão dos dois seja tão grande que suas almas um dia encontrarão uma forma de se reencontrarem.

AMOR DE CEREJEIRA

WENNINGTON DIAS DOS SANTOS SILVA

Bela em todas as estações
Na Primavera suas flores desabroçam
Sua beleza se torna resplandecente
Rosas e brancas são suas flores

Ó, Sakura, me mostre seu amor
Nunca senti nada igual antes
Abstrato, não posso mudar
Amor incondicional, tenho a lhe dar

Mesmo no inverno, esse desejo não hiberna
Amá-la é frio e doloroso, a dor não cessa
Apesar de tudo, gostar de você é a melhor coisa que um amante da criação poderia fazer
Amor incondicional é benéfico para o total

LÁGRIMAS QUE TRANSBORDAM

WENNINGTON DIAS DOS SANTOS SILVA



A vida tem sido árdua demais
Os dias parecem infinitos em dor
E vazios em alegria
As sombras que querem me corromper
Não me deixam em paz

A noite é longa, mas o amanhecer é iluminado
E traz consigo outro dia repleto de desprazer
A tristeza é profunda, mas o copo está tão cheio que estou transbordando
E os pingos desta dor respingam em pessoas que amo; desejo me afastar delas
Não preciso disso, só há um objetivo, um caminho, é para lá que devo ir.

ALMA

ERICLEIDE SILVA

Em uma pequena aldeia, circulava um rumor acerca de uma bruxa que morava no topo do monte mais alto. Segundo os nativos, ela tinha poderes que permitiam realizar qualquer desejo. Muitos subiam a montanha atrás de riquezas, vingança, cura. Estes nunca retornavam. Alguns diziam ser inverdade tal conto fantasioso, alegando que as pessoas não voltavam por conta da alta escalada; eles poderiam muito bem sofrer acidentes e ali, desfalecer. Já outros acreditavam fielmente de que tal bruxa residia naquele lugar alto e distante. Com o passar dos anos, tornou-se uma lenda que ultrapassou gerações.

Certa vez, um humilde comerciante teve seu estabelecimento roubado. Não satisfeitos, os ladrões atearam fogo em sua casa. Choro e gritos ecoavam juntamente com o vibrar das chamas. Ignorando as chamas, ele partiu para dentro na tentativa de salvar sua família. De sua esposa, restara apenas um emaranhado de ossos carbonizados. Mas, quando pegou sua filha no colo, apesar da pele endurecida, o bebê ainda respirava.

— Alguém, por favor, chame o doutor! - Ele gritou. E assim, os que estavam a assistir, puseram-se a correr.

— Não há chances de sobreviver, ela morrerá em algumas horas. - constatou o médico.

O pai chorava desesperado com a criança nos braços. Ele rezava, clamava por uma forma de fazer aquela vida inocente ser salva. Foi quando se lembrou da velha lenda. Após enterrar sua esposa, pôs sua filha nas costas, amarrada em um pedaço de cetim branco que ganhara de um vizinho e partiu rumo ao monte.

Foram dois dias de caminhada. Comia algumas frutas que encontrava no caminho para manter-se de pé. A cada hora, parava para checar se a filha ainda respirava. Quando chegou ao destino, tomou seu último gole de água, pois não mais encontraria rios para coletar e escalou. Foi preciso quase um dia para chegar ao topo. Esgotado, arrastando-se, avistou uma casinha em ruínas.

— Ajuda! - ele gritou, mas ninguém respondera. Frustrado, sentou-se sobre a grama e abraçou o bebê.

Mais tarde, no frio da madrugada, checkou novamente a criança que continuava a respirar. Seu pequeno coração batia devagarzinho. Agarrou-a, e de desgosto, tornou a chorar.

— Por que choras? - uma voz feminina perguntou.

- Porque a felicidade foi-me roubada. - disse entre lágrimas.
- Pobre homem... se queres, posso ajudar-te.
- És tu a bruxa das histórias? - levantou a cabeça para fitar o vazio. Ninguém estava ali, pensou estar delirando.
- Queres vingança? - A voz estava mais perto. -Queres ouro, prata, riquezas? - Sentiu uma mão fria tocar seu ombro.
- Quero esperança. - respondeu-lhe, virando-se. Havia ali uma jovem moça de pele tão alva, quase azulada, trajava um vestido de um branco imaculado. Ela lhe sorriu.
- Foste o primeiro a vir por algo assim. Explique-me o que desejas.

Sem hesitar, estendeu o envolto em cetim e contou-lhe o que ocorrera. A mulher lhe perguntou o porquê de insistir na vida daquele monte de cinzas que milagrosamente resistia. Tornou a oferecer-lhe escapatórias para sua dor. No entanto, ele recusou todas as propostas feitas. Surpresa, a bruxa cedeu. Ela curaria a criança, desde que ganhasse algo em troca. Quando lhe perguntou o que desejava, ela disse:

- Sinto-me tão só aqui. Apenas me deixa um pedaço de ti. Eu plantarei em meu jardim e dele nascerá uma bela árvore à qual darei o nome de tua filha.
- Mas nada tenho. - disse o homem.
- Tens teu corpo. - Ela fez aparecer um serrote. – Dá-me uma parte dele. Ou mata-a e te darei o esquecimento para que vivas em paz. – Seu olhar era tão frio quanto o vento que passava.

Ele estava surpreso, assustado. Pegou a ferramenta e olhou para o bebê. Depois de resistir a todas essas queimaduras por três dias, perguntou a si mesmo por que ainda não morrera e se deveria acabar com seu sofrimento. Então se lembrou de sua amada e da promessa que lhe fizera, a de que protegeria a criança, fruto de seu amor a todo custo.

- Serve-te um pé? - a mulher assentiu.

Ela observou-o decepar o próprio pé enquanto gritava e chorava de dor. Ao fim, pegou o membro e, como havia dito, o enterrou. No mesmo, instante uma árvore começou a nascer. Ela então pegou a criança e a colocou debaixo da planta. Uma luz ofuscante cegou o pai aflito. Quando recobrou a visão, a noite parecia menos gélida e a mulher não se encontrava mais ali. O sangramento havia cessado, e seu pé estava de volta ao lugar. Confuso, aproximou-se da árvore para pegar a criança. O que viu o emocionou. Pele macia e olhos abertos, ela tinha voltado a se mexer, seu coração agora batia forte.

— Tu és um homem estranho, tu te sacrificaste por esse bebê. - a voz ressoou junto ao vento. — Ninguém nunca me veio com sentimentos tão nobres. Deixarei que vás. Cuida bem dela. Dar-lhe-ei o nome de Alma, aquela que carrega a vida. Graças a ti, não me sentirei mais só. Agora tenho minha Alma para fazer-me companhia. Visita-me outra vez, se puder. — Ouviu-se o chacoalhar das folhas.

O sol começava a raiar quando ele deixou o monte. Agradeceu mil vezes e prometeu retorno. Desde então, todos os anos na mesma data, tornava a subir a montanha com sua filha. Não via mais a mulher, mas sua presença sempre estava ali.

— Papai, por que esse lugar é tão bonito? - perguntou Alma, já com seus sete anos de idade.

— Porque foi aqui onde voltaste à vida.

Uma brisa leve soprou seus cabelos, e a menina sorriu. Ali, sentia-se em casa.

ÂMAGO

DÉBORA SANTOS

Em veredas diferentes, mas hoje estou aqui. Pretendo ficar até quando quiseres.

Dedico a ti, meu bem.



Âmago (Subs. Masc.)

É a centralidade do ser. Parte mais íntima da alma. É o detalhe que não pode ser visto a olho nu. É a tonalidade única, incomparável e inconfundível da voz. É o perfume que você reconhece ao caminhar na rua. É o coração valente que arrebenta no peito. É alma translúcida, espírito límpido. É existir por si só, demonstrar o que é intrínseco.

É ser. Simplesmente ser.

Todos os dias me perco em devaneios...

Devaneio esse que tem nome, sobrenome e até mesmo um endereço (que, por acaso ou descaso do destino, sei de cor).

A minha rotina matinal e noturna – dia após dia – pensando e repensando nas palavras antes ditas e nos silêncios cheios de tudo. Nesses sorrisos tão

fáceis que me rouba, no tempo tão abrupto que se vai, nos dias prolongados de sua ausência e nas carícias amorosas ao atinar.

E, no caminhar apressado da vida – que passa como sopro ou brisa –, me pego reparando em detalhes tão singelos e íntimos que formam a silhueta virtuosa frente aos meus olhos.

A firmeza dos passos sobre esse chão batido, o tocar da mão na pele quente, o pulsar do coração em sincronia com a voz que ressoa pela casa. O olhar que se perde na imensidão do meu, a curva mais bonita que se forma a me ver (glorioso sorriso).

E os costumeiros hábitos dessa rotineira vida não instigam o deleite de apreciar prontamente, com satisfação e gozo, o âmago da sua essência.

Porque ti sóis poesia.

Portanto, apresento-lhe minhas tentativas vãs de desnudar sua alma e convertê-las em palavras. Pois, nem o mais sábio escritor, provido das mais prudentes percepções e intelecto, será audaz e apto por definitivo.

O teu ser poético, aura atômica de luz, zéfiro resplandecente.

Impróprio de compreensão, descrição ou interpretação. Contudo, é igualmente desprezioso como a chuva que sobrepega o vasto campo.

Infiltra-me, amor.

À tua solidão aguda decidi dedicar minhas palavras para dizer lhe que essa não está mais só.

Após teus anos - sem fim - percorrendo com sua singularidade as trilhas e veredas da vida, aqui estou eu (com minha insignificância terrena) para recordar-lhe que, ademais da ausência de ouro, prata ou tesouros supérfluos, carrego o maior bem dentre os homens: a honra da fidelidade, companheirismo e cumplicidade genuína entre corações e almas.

Neste momento, ainda travo batalhas contra seu comodismo, porém, não por insatisfação ou renúncia sua e, sim, por costume e hábito. Culpado seja o caminhar vazio dos anos passados que te levaram a crer que esta seria a sua única e veraz forma de viver.

Agora, como mártir da sua história — correndo o risco do inevitável fim vir a galope —, renuncio ao seu exílio e soledade. E, como ato de bravura, seguirei com você até o término dos dias.

Há uma lacuna.

Não, não é posterga, infiro. Porém, a lua está a mostrar seu esplendor intenso pela vasta escuridão, iluminando os corações solitários como um farol guiando o marinheiro.

Por cúmulo, ao esmiuçar o arrabalde, me encontro só. Nunca por precedência, jamais por alvedrio. Por inevitabilidade.

Reputo o absentismo do seu ardor ao lado direito da cabeceira, atento quão amplo é o ambiente e, em sincronia, o fechar das paredes sobre mim, sem-par.

Onde estão os olhos famintos (de mim) que portava a vida existente neste momento?

Ao escoar da era infinita, quanto mais alastrada a fusquidão lá fora, mais límpido (aqui) dentro.

Os sentimentos que decaem as trevas, impelindo-os uns com outros, em pugna contumaz entre obtê-lo como refém desse leito ou permitir-lhe partir.

Anseio, brevemente, seu reaver.

Por vezes, sou insuficiente.

Sinto meu coração acelerar, a boca ressecar e o olhar pesar sob a face...

O monstro invisível que me persegue a cada instante e, ainda que corra, fuja para longe, em algum momento sempre me alcança. Ata-me, confina-me e amostina.

Destarte, o encargo do cosmo recai em minha poma; lassidão, astenia, esgotamento. (Eu perco o chão).

O abismo sob de meus pés - calejados-, em aguçada rapidez, faz-me ceder abrupta e incessantemente. Tampouco, em nenhum momento, há um fim.

O silêncio, a solidão e a dor de algo inexistente. A insuficiência.

Como é exequível não estar neste momento e, simultaneamente, poder defraudar de mim tantas lágrimas? Desconheço.

Penso em você, sua grandeza, seu ser, quem você é. Quem sou? Um grão.

Um átomo. Um nada. Não existo. Nunca com a austeridade que merece, jamais competente o bastante para sua plenitude.

Sofro. Tenciono ser. Entretanto, lamentavelmente, o anseio não basta.

Perdoe-me.

Nessa ocasião, o nada.

A alma que desprende do corpo observa de externo todo o ensejo. Desolada e perdida, afasta-se de tão caótica melancolia.

Apeteço poder puxá-la em regresso, compelida, confinar neste corpo falho e cansado, mas que ainda possui um resquício de vigor para erguer-se e gladiar.

No entanto, parte — sem direção. Extraviada, outra vez.

Cada vez mais é abstruso buscá-la, deslocá-la e coagi-la a persistir com o otimismo de que, em algum milésimo de segundo, lograrei êxito em ser o que almejo para vós. O mínimo, quem sabe...

Ao passo dessa escrita, o espírito suspira, o âmagô chora e o ser grita: todavia, não me preceituou ir embora?

Desde que abeirasse essas veredas, tudo está díspar.

O relógio que marcha - depressa - tropeça em seus ponteiros, os minutos pairam como andorinhas no céu azul, as horas percorrem suas voltas olímpicas. E os segundos? Atento a dizer que passam de um em um. Não obstante, de forma contínua meus dedos computam.

Um, dois, três... Dez... Cem... Oitenta e seis mil e quatrocentos... Logo, zero. Um, dois, três...

De tal maneira infrequente e repentina que os olhos não vencem enxergar, como tentar conter a água, mesmo compreendendo que escorre incessantemente. Sem fim.

Por isso, desfruto de cada ocasião, de cada fração de tempo. A dádiva de estar aqui, hoje, agora. Com você.

Sinceramente, não desejo sentar nessa cadeira – dura – noite a dentro e tão somente escrever essas palavras. Anseio por deitar-me ao seu lado e ler as linhas do seu corpo. Apeteço por desnudar seu imo e observar sua imensidão, intensidade e grandeza. Quero vislumbrar! Sentir.

Estou farta desses símbolos ilógicos, diligência vã de eternizar, visto que palavras voam como os pássaros livres, assim como o tempo a passar. Contudo, o seu sentir é como prego no coração: mesmo que torça, force ou tente, continuará pregado ali; firme, forte e permanente.

Abandono de vez o selim vazio, pois poucos são os lugares que eu almejo estar, mas os seus braços, seguramente, são um deles.

É com você que encontro o ápice da vida.

Outrora peregrinei por tantas terras, avistei tantas paragens, tantas pessoas... Situações esporádicas. Deter-se, manter-se, preservar-se? Jamais. Nada era permanente.

Ponderei ao nascer e pôr da estrela anã amarela para além de setenta e dois mil seiscentos e trinta e cinco vezes ao longo dessa história, entretanto, nulos foram os ensejos que estive tão radiante quanto estou neste momento, quando eu estou a sua direita.

Noutros tempos, nadei mares, corri trilhas e escalei montanhas... Gritei tão só faltar o ar, cantei não mais que a voz falhar. Dancei tão somente cansar, pulei para extravasar. Sorri, chorei, sonhei, acreditei, realizei. Ademais, posteriormente, o diretor desse filme – mal escrito – até então sucede com suas jocosidades ao longo das cenas, fazendo-nos ansiar pelo próximo abrir e fechar das cortinas, pois coisa alguma do que foi dito ou feito se compara à forma que você me rouba os suspiros mais íntimos e as palavras mais secretas. E ignorante que fui há tantas léguas, acreditando que haveria acabado, as cores desbotadas do palco e a soleira gasta dos sapatos, certa de que a magia se esgotara, eu me maravilhei.

Somos fragmentos de momentos que juntos formam a maior aventura já contada. O arrepio pelo corpo. As mãos trêmulas. O coração disparado. A respiração ofegante. O suor do rosto. O sorriso tímido. O olhar curioso. A voz banhada em ternura...

Então, o ápice.

Você.

E só.

Sobre sentir...

Como definir essa palavra? Como conjugar esse verbo? O que há nesse vocábulo para carregar em si tamanha complexidade semântica e, até mesmo, lexical?

Todavia, não é, tão somente, “sentir”. É por quem sentir, o que sentir, como sentir, quando sentir, onde sentir...

Uma palavra, seis grafemas, cinco fonemas.

Antes, a simplicidade que obtinha era imensa que eu, tola, desfrutava de maneira vã tal termo. Entretanto, atualmente (não) vejo além. Há algo a posteriori, na penumbra suave do ser, na árvore genealógica da linguística e da vida...

O que mudou?

Vós.

Eu sinto.

Sinto sem nem mesmo sentir você, sem ao menos tocá-la. Sinto algo que já não sentia e igualmente o que nunca senti.

Sinto as mãos trêmulas, o coração palpitar, a energia percorrer pelas células do meu corpo.

Sinto as ondas sonoras da sua voz que se chocam com o tímpano e ecoam para meu íntimo.

Sinto o aroma adiposo e acentuado do seu perfume pelo ar, esvaindo-se com a brisa de verão.

Sinto o calor dos seus lábios à beirada da minha pele ouriçada, onde a termodinâmica age sem pensar e pesar.

Sinto a respiração rítmica tabolirando nas cadências. Sinto sua presença velando a minha direita.

Abruptamente, abro os olhos.

Já não sinto nada. Porém, tudo...

Sem embargo, sinto você tecendo morada em mim, em cada átomo que me transforma em matéria, em cada fibra que me põe de pé.

Simplesmente, sinto.

Sinto como se meu coração fosse estagnar o bombear a qualquer segundo e, em simultâneo, a tranquilidade infinita.

Sinto a euforia destruidora de mentes e a plenitude da alma.

Eu te sinto. Sem te tocar, sem te ver, sem te ter, sem te ouvir.

Eu te sinto.

E sinto que somos um.

CAELLACH AN SHAE YPP: QUANDO O SOL SE UNIU AOS CÉUS HOFGRIRD: O CONTO DA DESCENDÊNCIA

JUAN LEAL

Fora grande a descendência dos Primogênitos, pois do ventre de Nanna vieram todas as tribos sobre a terra. E, dentre a gente comum, o clã Hofgrir tornou-se o mais poderoso e, pela fama que carregou, herdou do Pai os domínios sagrados de Gälgblik.

Gälgblik era a morada do Sol, que naquela época ainda se fazia em carne e luz. E em carne chamavam-no Ydgár, enquanto em luz possuía outros cem nomes. Ora, enquanto o sol habitasse Gälgblik, para que se erguesse até firmamento, era necessária a permissão dos Hofgrir, cujo rei era Hamir, o Iluminado. E antes de cada amanhecer, Hamir reunia a Guarda da Aurora e descia a íngreme Encosta de Nírn, coberta pelas raízes sobressalentes dos ulmeiros sagrados, de onde irrompiam, de encontro aos céus, as Fundações da Terra dos Homens, das quais se eleva todo reino mortal. E frente às Colunas Celestes, Hamir entoava um cântico de glória e louvor, fazendo despertar Ydgár e dizia:

“fazei raiar o dia, pois a hora é esta e não outra”.

E Ydgár respondia: “certo está Hamir, herdeiro de Ivir.” E despia-se de seu manto negro para trazer a luz cálida sobre Nirnheim.

E ao crepúsculo de cada dia, Ydgár descia por sobre os pastos acidentados de Brygg Meridional, onde reinava pela eternidade o espírito de mãe Nanna, em seu aspecto mais zeloso. E Brygg era a terra dos gigantes, por isso também era inviolável.

O decrescer de Ydgár era o sinal para reunir-se nos sulcos e vales de vegetação amarelada, por detrás das Montanhas de Hnidûm, o povo de Fjorgyn: os pastores do gado e os agricultores dos cereais. E quando Ydgár vestia novamente o negror de seu manto, iam a ele e falavam-no:

“Dizei, Ydgár: o que avistasse no mundo mortal além de Hnidûm?”

E Ydgár fazia então um longo relato de seu dia, e por isso todos por ele tinham imenso respeito e admiração.

Ora, após setenta e oito invernos sobre Gälgblik, apagou-se a luz pulsante do cerne de Hamir, totalizando em idade cento e vinte seis anos. E, em seu funeral, puseram-no sobre uma cama esculpida na madeira dos ulmeiros da Encosta,

e carregaram-no sobre os ombros, para que em honra solene seu corpo fosse depositado às correntes do rio Brun, mas Hamir era por demasia a graça fecundada em pessoa de carne, e seu espírito era a força irrestrita dos homens, de modo que todos se prostraram estupefatos, quando, por conta própria, a madeira se incendiou com o mais rubro dentre os fogos. E é por isso que hoje, quando alguém se reúne junto ao Pai, a matéria de sua existência deve ser posta numa grande pira feita de paus e palhas, para que toda a gente rememore que a grandeza do espírito do homem é selada pela carne e que a morte é apenas outro começo, pois ela rompe as comportas que refreiam a volatidade fugaz, entregando-o à verdadeira e inevitável eternidade.

E com pompas o Grande Rei fora recebido nas Mansões do Altíssimo, para onde os justos são levados. Quisera nós a dignidade, pois ela é a guia na jornada até os Salões dos Céus.

Bergsvend, seu primogênito, assumiu o assento de seu pai, tornando-se senhor de Gälgblik durante o ápice do poderio do clã Hofgrir.

Bergsvend, entretanto, era vaidoso e de pouca cautela: a cupidez lhe vinha antes da razão e, por isso, subjugou toda gente mortal sobre Nirnheim, derrotando um total de quarenta e cinco Senhores antes do primeiro ciclo de seu reinado. E no oitavo ano como Rei, passara a descer sozinho a Encosta de Nírn, e frente às Fundações decretava ordens a Ydgár.

Dizia: “Levanta-te, mas faça-o de uma vez, pois quem ordena é Bergsvend, filho de Hamir! Erga-se e ilumine a vastidão de meus domínios; contemple com teus olhos brilhantes o poderio intrínseco a urgência da mortalidade!”

E Ydgár obedecia, pois Gälgblik era sua casa, e por isso a Bergsvend devia obediência. Mas, ao baixar sobre Brygg, tinha em segredo com o povo de Fjorgyn, e dizia-lhes com tristeza carregando o tom imponente de sua voz:

“Vaidoso é o líder da casa dos Hofgrir, e agora todo domínio além das montanhas lhe pertence.”

Ora, certa manhã, Bergsvend se indispôs com Ebba, filha de Hjalmar, da Terra dos Cavalos, a senhora sua esposa coroada em ouro e em flores, com quem tivera dois filhos amados, Ingvar e Herleif; este último que mais tarde receberia a alcunha de “o Errante”, a quem se atribuem grandes feitos. Bergsvend saltou da mesa onde quebravam, os quatro, o desjejum de uma aurora recém rompida e para o salão esbravejou enraivecido: “Hão de avistar, de uma vez por todas, o poder de Bergsvend, para que jamais outra vez ousem questionar os mandos que saem de sua boca!”

E mandou que reunissem os artificies, os forjadores que tinham no calor do fogo o coração de seu trabalho. E ordenou que se juntassem os sábios, os mestres rúnicos que conheciam do céu e da terra. E disse Bergsvend, quando havia no salão de sua casa à gente que havia mandado recolher: “Eis que a tarefa é árdua, mas seu cumprimento é uma ordem cujo desrespeito será punido com a morte: até a noite de hoje, haverá dos artificies forjarem ao senhor seu suserano dois itens, e estes serão os seguintes: uma grossa corrente de prata lustrosa, feita em setenta elos firmes como também um anel de ouro cegante, tão dourado quanto o sol do meio-dia. E nestas obras serão necessários todo empenho e todo suor, pois a corrente deverá ser inabalável, e a joia deverá refletir até a alma dos que forem capturados em seu brilho áureo.” E se foram os forjadores amedrontados trabalharem no fogo sob o piso do salão de Bergsvend. E continuou o Senhor de Gálgblik: “e eis a labuta dos sábios sob o teto do Dono do Mundo: devorarão das casas de saber sob meu domínio e trarão ao meu deleite setenta e uma formas em que poderá ser escrito o nome dos Hofgrir, em runas de extremo poder. E então terão com os forjadores e deverão gravar, ainda esta noite, nos elos da corrente setenta destas runas, e a que estiver sozinha deverá ser posta na ponta radiante do mais brilhante dos anéis!”. E se foram os sábios amedrontados trabalharem no silêncio dos salões onde guardava-se a sabedoria ancestral.

À noite, pois, estavam prontos a corrente de prata que à vista pensou-se ter sido forjada com fragmentos da lua, e o anel tão dourado que o brilho iluminava o semblante de seu dono, mesmo à distância. E em ambos os itens vibravam runas perfeitas, e escrituras como aquelas não haverá de se avistar outra vez. E Bergsvend teve os objetos para si, e, de tão contente, mandou que cobrisse os responsáveis com riquezas inestimáveis. Pôs acima dos ombros a corrente de setenta elos e vestiu em seu dedo o anel de poder, marcado com o nome dos Hofgrir, mas também com o seu próprio. Então foi ele ter com Ydgár, atirando-se em direção às Colunas Celestes. Bergsvend, engenhoso, cercou as Fundações com a corrente de prata lustrosa e então demandou de Ydgár imensa profanação: “surja, Ydgár, e erga sua luz sobre o céu noturno, para que o mundo estremeça ao recordar a força de meu nome.”

Veio Ydgár, pois, diante da Encosta de Nírn, e viu-se preso em tremenda armadilha, pois a corrente lhe envolvia, e ela respondia apenas ao anel que o Senhor de Gálgblik ostentava em seu dedo, pois a runa una era irmã das outras setenta, e estas vibravam em resposta aos mandos absolutos de Bergsvend.

“Se a esta hora eu me fizer alto, quebrarei a ordem das coisas”, argumentou Ydgár domado pelas setenta e uma vezes em que a grandeza da casa de Hofgrir

cerrava a sua própria. A voz era a fúria de mil vulcões e por isso que a essa hora toda gente em Nírnheim temeu, mesmo sem compreender a razão de seus temores.

“A ordem das coisas pertence agora a mim e a ninguém mais, pois não há sobre a terra quem faça frente ao meu poder.” - respondera-lhe Bergsvend.

Mas Ydgár, desafiando-o, disse:

“Há! Não és o Senhor de Todas-as-Coisas, Bergsvend, o Tolo, pois, além das Montanhas Invioláveis do Oeste, vive a gente de Brygg, e Brygg é domínio do poderoso povo de Fjorgyn!”

Então furioso Bergsvend urrou, fazendo estremecer a terra de Gälgblik, e, voltando-se à escuridão dos céus, rogou: “que decaia sobre mim a impetuosidade de Fjord, o aspecto atroz do Grande Pai, pois na próxima lua cheia hei de derramar o sangue dos Senhores de Brygg e estender meus domínios por sobre as duas moradas do sol: de onde ergue-se ao ponto em que repousa!” dirigindo-se a Ydgár, ordenara: “agora vá e tenha com os Mestres de Fjorgyn! Diga-os que o grande Bergsvend os convida para o maior dentre todos os banquetes já ofertados pelos homens! Informe-os que ocorrerá no brilho da próxima Grande Lua, e que a Clareira de Nírn será o glorioso salão para tamanho festejo! Haverá frutos e também muita carne, e para beber mandarei servir rum e hidromel, dos mais puros! Farei fluir sobre a terra seca as águas do Rio Brun, e os Reis dessa gente poderão dela beber, e assim desfrutar de parte do poder dos Hofgrir! Mas ai de ti, Ydgár, se informares aos convidados que para eles Bergsvend prepara uma armadilha, pois sabendo teu nome, te amaldiçoarei sete vezes e, te maldizendo, condenarei o mundo a escuridão e ao frio eterno!”

E Ydgár então rendendo-se, ergueu-se, pois seria grande pecado quebrar as runas em que estava gravado o nome de Hofgrir, e Bergsvend tornou-se, pois, o maior dentre os Reis dos Homens, por fazer romper a aurora antes de sua hora: o mais audacioso dentre os feitos dos mortais.

Ora, quando Ydgár decaiu-se sobre Brygg, sua gente confusa fora de encontro a ele, questionando-o:

“O que há, Mestre Ydgár, para que desobedeças à ordem natural de todas as coisas e transforme em dia a noite? Por um acaso te faltara sanidade? Ou te tens em segredo como maior que a própria Natureza?”

E Ydgár então disse:

“Levanto-me a mando de Bergsvend, senhor de Gälgblik! Bergsvend, o Tolo, que profanara a terra das Fundações, depositando sobre ela a corrente dos Hofgrir. Eis a ordem que me deu: disse-me para que me erguesse alto e sobre

Brygg exclamasse: haverá um farto banquete na Clareira de Nîrn, na vinda da próxima lua cheia, o maior dentre todos os festins já ofertados pelos homens, e ele convida aos poderosos Senhores dessa terra! Mas ouçam Ydgár com atenção, pois Bergsvend prepara aos bons amigos um vil engodo: prometera aos quatro ventos, jurando em nome de Fjord que derramará o sangue de seus convidados e se fará Rei de toda Nirnheim. E disse-me que acaso eu o denunciasse, alertando aos seus convidados sobre o terrível plano, meu nome amaldiçoaria sete vezes, derrubando frieza e escuridão sobre toda a terra até o Fim dos Tempos”.

E então partiu de volta a Gálgblik, agraciado com as honras dos Senhores de Brygg.

Em sua morada, aguardava-lhe Bergsvend, que ficara satisfeito com a resposta dada por Ydgár. Bergsvend; então mandou que levantassem uma imensa tenda na Clareira de Nîrn e que sob ela fizessem correr as águas plácidas do Brun. Ordenou que seus homens deixassem de lado as campanhas de guerra e que se ocupassem da caça: que trouxessem a carne de veado e de javali, de pato e também de galinha. Que pescassem peixes de águas rasas e profundas, fossem no Grande Mar ou nos braços fluviais de Nirnheim. Ordenara também a coleta de ostras, de frutos e de vegetais.

Nos seis dias que antecederam a lua cheia seguinte, os padeiros trabalharam sessenta vezes mais. Os joalheiros engataram mais joias em anéis, colares e braceletes do que jamais haviam feito em toda vida. Nesses seis dias de preparação, as tavernas se esvaziaram e toda a gente passou sede, pois era ordem de Bergsvend que toda bebida produzida em seus domínios fosse levada à Gálgblik, para que houvesse serventia absoluta.

Ora, no sétimo dia viera a Grande Lua ao céu, e com ela chegara o pomposo séquito de Brygg. Entre os Senhores estava Balgür, o maior e mais temido dentre todos os gigantes da terra, e também Sýgda, sua esposa.

E durante toda noite houve festa, e durante a festa Balgür entregou a Bergsvend sua imensa caneca, pedindo-lhe: “beba do teu hidromel, mas faça-o na boca de minha caneca, e então sua ela será, em sinal de respeito e também de amizade, com o qual se recebe a comitiva de um hóspede!”.

Bergsvend assim o fez. Três vezes bebeu da caneca de Balgür.

E no romper da alvorada, Bergsvend ordenara a sua gente início de seu terrível plano: “derrame o sangue dos Senhores de Brygg, para que assim a clã Hofgrír comande Nirnheim em sua completa extensão”, atirando-se ele próprio de espada empunhada em direção a Balgür.

Mas, ao atingir a pele do gigante, o aço recusou a perfurar, e, ao invés disso, se partiu mil e uma vez, e toda a gente de Brygg gargalhou, fazendo o mundo tremer. Bergsvend não entendeu, até que Sýgda lhe dissesse:

“Eis que o Senhor de Gälgblik segurara em mãos a caneca mágica do grandioso Balgür, sobre a qual Sýgda depositara parte de seu poder antes de viajar à Sagrada Clareira! Eis que Bergsvend, o tolo, tomou do próprio hidromel da boca de Glangnir a forjadora de juramentos, a tecelã de alianças, aquela da qual se fez valer da lei da hospedagem, violada de forma hedionda por vossa cobiça desmedida. Fizesse a ti anfitrião, mas apenas por ter na mente tramoias imperdoáveis. Pois ouça o Código Sagrado: aqueles aos quais se recebe sob o teto de sua casa, com quem se compartilha da água e do sal, é proibido que se faça jorrar seu sangue, ao contrário: deve-se assegurar o verdadeiro bem-estar. E Glagnir é juíza quando acontece deslealdade, e por isso viera a condenação: a lâmina em tuas mãos fez-se do mais frágil vidro, e o aço de todo teu clã se desfez em fina areia. Pela transgressão aqui testemunhada, tua pena será a morte, mas saberás antes que a vida lhe seja tomada que teus domínios ruirão, pois não haverá mais força entre os Hofgrir. Ouvirdes: cerrou por agora o reinado de Bergsvend, e caiu por terra o poderio de sua casa”.

E percebendo que havia sido denunciado, Bergsvend cumpriu sua promessa, maldizendo a Ydgár, que, ao ouvir seu nome ser cuspidado de maneira obscura, materializou-se em carne ante sua presença.

E Ydgár disse com a luz rebentando de suas palavras:

“Se levantas sobre o luzir de Ydgár os rancores de tua mortalidade desprezível, ao teu nome amaldiçoo nove vezes, pois aqui está um número maldito, e também amaldiçoada será a descendência de tua casa. Pela tua imprudência, Bergsvend, filho de Hamir, farei com que a luz te rejeite até o fim dos tempos, e por causa disto viverás em eterna escuridão, vagando sem corpo sobre os campos mórbidos de Gälgblik! E da carne me despeço, para que o veneno da língua de Bergsvend não viole meu dever sagrado. Eis o fim de Ydgár, cuja labuta será perpetuada ao custo de seu corpo. Adeus”.

E é por isso que hoje o sol é apenas calor e luz sob a abóbada do firmamento, e que, em Gälgblik, a ilhota nortenha junto à borda do mundo, o dia não existe mais.

Durmo e acordo sem sua mensagem
Me levanto, imagino o que você está fazendo
Se aquele *bom dia* trocou de usuário
Se aquela *ligação* pertence a outra pessoa
Se a nossa *música* deixou de ser nossa
Se você ainda me ama.

Ninguém me falou que seria assim
Ninguém me deu um manual
Para entender que viver sem você dói
E, agora, quem vai consertar meu coração partido?

— **Ainda sinto sua partida**

E, no final, descobrir que para viver ao seu lado, eu teria que voltar para o lugar que eu lutei anos para sair e que jurei aos deuses que nunca ia voltar para lá novamente.

— **O armário não me cabe mais.**

MENSAGEM

Esprei sua mensagem a noite toda, mas ela não chegou. Na madrugada, ao barulho da chuva que cai lá fora, fico pensando nas coisas impossíveis que queria que acontecesse com a gente. Só assim para esquecer essa solidão que me afoga nesse oceano fundo e frio.

Por algum motivo, sua mensagem não chegou.

Não recebo mais seu *boa noite! Como foi seu dia?....* Você desapareceu assim do nada, sem me explicar o que estava acontecendo. Será que tudo aquilo que você falava para mim já passou? Ou na verdade você nunca sentiu aquilo de verdade por mim?

São tantas perguntas sem respostas que faço a mim mesmo, são tantas coisas que queria perguntar a você. E assim fomos cada um para o seu lado, sem mensagem, sem bom dia, sem áudio ou ligação. Simplesmente foi.

E passamos a ser apenas seguidores no Instagram. Mas eu realmente queria ser bem mais que isso. Queria poder te ver além da tela do meu celular, queria te tocar, te beijar, queria te dizer o quão difícil está sendo sem você aqui comigo.

Nesse balanço de vem e vai das ondas, ficam apenas as lembranças de quem se entregou por uma simples mensagem e chorou mais tarde pela ausência dela.

CONFETE E SERPENTINA

MARIA CLARA BARROS SANTOS



Quando recebi a notícia

Foi confete e serpentina

Era parabéns

parabéns

parabéns

Um destino, uma dívida

Você vai para a festa

E todos parecem comemora

“Sorria” “Agente”

“É sua âncora para carregar”

Mas na festa repentina

Ela não foi convidada

Para participar

Por que atrás da cortina

Eles não conseguem enxergar

Que nos olhos dela transbordam

c s o e n r f p e

e t n e t

i

n

a

AS VELHAS ESTRELAS

MARIA CLARA BARROS SANTOS



Quando éramos escassos
Os dias eram folhas e flores
 Te ver era ser astronauta
 E tocar todas as cores

Tão perfeito era viver
Perdida em teus amores
 Que não se sustentava a estrutura
 E eram gigantes os tremores

Agora eu sento na plateia
E assisto à peça em silêncio
 Não sou nenhum desses atores
 Nem dizer as falas eu tento

Vou dizer que não aplaudo
Ou que nem é tão bom assim
Mas quando estou do lado de fora
 Com outra escassez perto de mim
Vejo que estou só passando o tempo Enquanto
olho para as velhas estrelas

Amar é ter sede por esse carinho
E quando vejo esta nova
galáxia Ainda procuro da nossa
explosão, as c e n t e l h a s

ESPAÇO

MARIA CLARA BARROS SANTOS



Quando eu era pequeno
Eu sonhava em ser astronauta
Ter a ponta das estrelas no dedo
E, do universo, ser o maior pirata

Eu queria boiar no vácuo
E dançar nas galáxias
Usar meu compasso
Para no cosmo deixar marcas

Eu amava tanto a ideia
De dar aquele pequeno passo
Que agora que eu cresci

E u
a p e n a s
o c u p o
e s p a ç o

INDESCRITÍVEL

JOINGRIDY ARAÚJO



Dos infinitos contigo já descritos
Se a mim fosse dado o poder
De parar o tempo ao menos uma vez
Eu congelaria cada segundo já traçado pelo destino
No momento exato em que nossos olhares se cruzaram
E eu pude ver em você tudo o que achei um dia faltar em mim
Onde eu tive a visão do que realmente é o sublime
Me perdendo na sua intensidade
E me encontrando nos seus olhos castanhos
E entendendo o real significado da palavra amor.

FALTA

JOINGRIDY ARAÚJO



Por que eu sinto tanta falta,
Se aparentemente nem falta faço?
A resposta não é óbvia?
Eu sou gente, e gente sente
Às vezes acho que sou gente demais
Às vezes queria ser bicho para não sentir tanto
Ora, que loucura a minha!
Bicho também sente e como sente!
Ora não sei o que me caberia ser
Seria qualquer coisa que me fosse imposto,
tendo a certeza de que jamais sentiria novamente
Dói pensar em não sentir
Dói pensar em você
Dói pensar que preciso seguir
Dói ser gente às vezes, sendo que nem bicho poderia ser
Talvez tudo fosse mais fácil se eu fosse só você.

REFLEXOS

JOINGRIDY ARAÚJO



A carne comida vida
Aos pés de uma fogueira me torturo
Sinto a pele queimar pouco a pouco como se penitência fosse
Sinto a dor da pele desfazendo-se como se tudo aquilo fosse culpa minha
E no fim, não era?
Quem mais do que eu me fazia sentir aquilo?
Ninguém me traria mais dor do que eu mesma era capaz de fazer
Era como encontrar a ferida aberta
E ao invés só de me observar sangrar,
eu cutucava como se fosse pertinente fazer o outro sangrar
Mas o outro era eu, era a minha ferida
Não era só colocar o dedo, era jogar leves quantidades de ácido
Para que eu pudesse sofrer ainda mais...

ANA CARVALHO/CARNAVAL

JOINGRIDY ARAÚJO



E eu que me perdi nos teus olhos escuros
Como se fosse uma quarta-feira pós carnaval,
No teu cabelo preto vi o emaranhado das fitas coloridas

Os teus traços eram tão brilhantes
E eu nem falo do glitter preso nas tuas bochechas
A tua alma era tão livre quanto os confetes jogados no ar

O teu sorriso era tão lindo que me chamou mais a atenção
Do que todos os bloquinhos que passaram por ali,
O teu coração sambava junto com a gente

A tua carne era feita de festa e êxtase
E eu estava ali meio de lado e até sem graça,
Te observando brilhar nessa passarela imaginária

Todo o seu ser estava radiante
E tu eras por inteiro folia,
E eu só queria dançar e me perder contigo
Nem que fosse só por um carnaval.

NOITES DE VERÃO

JOINGRIDY ARAÚJO



E são nas madrugadas mais quentes
Que me pego revendo na mente
Cada vez mais lembranças nossas
Lembranças tão nítidas
E tão cheias de saudade
Que te sentir não era mais abstrato
Eu estava ali e eu conseguia sentir,
Sentia a tua respiração ofegante no meu ouvido
As tuas mãos deslizando pelas minhas costas
Me pegando pela cintura com força,
Com um ar de “você é minha e eu sei o que estou fazendo”
E é com essas mesmas mãos, e com toda essa vontade
Eu me lembrava de você me segurando no teu colo.
Apertando as minhas coxas, me segurando pela nuca
E me beijando como se logo após nada mais
Fosse bom o suficiente para continuar prosseguindo.

ÊXTASE

JOINGRIDY ARAÚJO

Os olhares impacientes se esbarram
Você segue, mas sigo com o olhar fixo em você
As suas mãos grandes e os meus dedos
Que saem do seu cabelo para os seus lábios
Sinto sua língua entre eles, o toque macio
Da sua boca ao chupá-los
Da sua boca quente junto a minha
Os meus olhos não se contentam só em te ver
As minhas mãos querem mais!
Seu pescoço, seus peitos, sua cintura
Te apertar ainda não é o suficiente
Eu quero mais!
Quero te senti, quero que você me sinta
Das carícias na tua barriga, ao abrir das tuas pernas
As minhas mãos sorriem ao te ver
Teu corpo me responde com arrepios
A minha boca seca ao te sentir
E tu sussurras um gemido gostoso
Que ecoa pelo quarto e aumenta minha vontade
O corpo exala suor ou prazer?
Não sei, me diz você.

AND YOU LOVE

JOINGRIDY ARAÚJO



É sobre se pertencer desde o primeiro beijo
Sobre a primeira troca de olhares
Sobre sentir teu cheiro por aí e sorrir
Sobre a constante sensação de pertencimento
Sobre olhar as estrelas e você brilhar mais
Sobre o nosso encaixe perfeito no sexo e na vida
Sobre saber que não é só sobre amor,
mas é muito mais que isso
É saber que sempre foi sobre você.

VITORIA EMANUELY DOS SANTOS BEZERRA

Preso em uma janela
vivendo como um espectador
nada de protagonista
dói ver através dessa janela como todos podem voar mas eu voou nesse espaço limitado
como será voar no alto céu
como será ser livre
borboletas são feitas para voar e em cada flor pousar mas preso nessa janela
eu não vivo
sobrevivo
e invejo aqueles que vivem
eu tenho medo
a morte a cada dia leva um pedaço de mim
minhas asas que um dia foram esplendorosas se tornam mirra sinto meu interior
murchar
os girassóis têm propósito eles seguem a doce luz do sol eu também quero um
mas... só é oco aqui dentro
não sinto nada
nada mais que nada
são as batidas que me dizem que estou viva

porque a maior parte de mim morreu há muito tempo ainda assim eu espero o dia
que a minha primavera vai chegar
Mas quando eu fecho meus olhos
Eu vejo aquela garota de novo
Sentada sozinha no seu próprio mundo
Ouvindo o rádio e lendo algum livro
Com os olhos cheios de sonhos
Com tantas expectativas
Que mais tarde virarão pó
Essa garota tem tanto amor pra dar
Mas nenhuma parte dele é para si mesma
Nesses olhos também há tanta dor
Olhando pro céu imagina como seria pertencer
Assim como as estrelas pertencem à lua
fecho meus olhos e a vejo sozinha de novo

Dessa vez ela parou de acreditar
Amor não é nada mais do que uma utopia
Não há como pertencer
A si mesma é o que tem
Nos seus olhos há mais dor do que antes
E a maior parte é direcionada a si
Olhando pro céu percebe como na verdade a lua é solitária
Me tornei uma versão melhor de mim

porque eu te amo
vou te dar o melhor de mim
meu coração bate no ritmo das suas cordas vocais
sorrio a cada vez que te vejo
eu poderia escutar por horas o doce som da sua voz
porque com você eu sinto euforia
o amor não é sobre se sentir ansioso
é sobre flutuar
eu te amo, eu amo você por completo
você me ensinou o que é o amar
não sinto as borboletas no estômago
não preciso me sentir ansiosa
porque eu sei que você vai continuar aqui para mim
amo-te como as estrelas amam o céu
infinitamente
eu quero dizer isso a você a cada minuto
as emoções que sinto são tão utópicas que não quero e nem consigo guardar o
quanto você me faz feliz
por sua causa eu sorrio
você traz cores a minha vida
a sinfonia da minha melodia
nem Apolo poderia descrever
o quanto eu amo você

QUANDO VOCÊ CHEGA

MARIA EDUARDA FELIPE DO NASCIMENTO



E eu olho para você
O seu olhar vem de encontro ao meu,
Suas pupilas dilatam,
Meus dedos se movem por vida própria,
Sua língua umedece seus lábios,
Os meus dentes mordem os meus.

E então, você vem
Caminha lento em minha direção.

Meus batimentos se alvoroçam
Enquanto você sorrir,
Enquanto pisca os olhos docemente,
Enquanto cola sua boca na minha.

Uma explosão acontece;
Sentimentos, que nunca havia sentido, vêm.
Vem sem repreensão,
Vem sem medo,
Vem sem roupa,
Vem pura,
Vem minha,
Vem nua.

PROJEÇÃO

ERICSON JOSÉ DE SOUZA

Sem nome e com uma aparência desdenhável, ele chamava a atenção das pessoas, mas não era um chamar a atenção como uma alegoria de escola de samba que, por seus brilhos e enfeites, encanta todos por onde passa; era uma atenção despertada pelo desejo infrene de entendê-lo, de conhecê-lo, de penetrá-lo, até descobrir o que havia em sua alma para que ele fosse assim, tão diferente de todos. Às vezes escuro, mais tão escuro, que nem o sol, se ali chegasse, conseguiria o iluminar e, às vezes, tão claro, tão reluzente que cegava os que para ele olhavam, de forma que, no claro ou no escuro, ou sob quaisquer circunstâncias, era impossível enxergar o que existia por trás da ingenuidade inquietante daquele moço. Aos 17 anos, ele estava ali; era tudo o que sabia e mais nada. Que lugar era aquele? As paredes sujas, muitos nomes escritos, letras embaralhadas, imagens diversas, ratos, manchas de sangue pelo chão, uma corda, um fluxo de água suja que exalava um cheiro forte e sufocante, silêncio, roupas de sua infância, uma mesa, banco de madeira e caneta, pouca luz, muita dúvida, dor, lembranças, gritos e muito choro, onde estava a porta? Não sei, mas havia dentro da gaveta da mesa um papel vermelho e nele estava escrito: como entender os outros e não compreender a si? Depois disso, as coisas que vi começaram a fazer sentido, toda representatividade dos objetos, das cores, do lugar, das circunstâncias, de tudo. Ele estava em uma prisão sem muros, totalmente preso em sua psiquê. No entanto, apesar de, finalmente, ter captado o que as pessoas não detectavam, entrei em transe, pois comecei a introjetar toda agonia, sofreguidão, depauperamento, inquietude, náusea, e tudo o que se poderia sentir estando a 17 anos em um lugar como aquele. Dotado de empatia, comecei a pensar em como nos tirar de lá, afinal, agora eu estava preso com ele. Neste instante, percebi que ninguém consegue compreender o outro enquanto estiver olhando com os seus próprios olhos, pois é preciso perder a visão para poder enxergar, porque a visão está manchada por ideologias diversas que nos fazem buscar a perfeição, nos fazem querer encontrar no outro aquilo que nem nós conseguimos ser, nos fazem ainda nos colocar, acima de tudo, como um membro superior cheio de razões e preconceitos. Eu precisava entrar naquele lugar sombrio, que era do outro, para poder lê-lo. Sim, ler é necessário! O mundo fala mais do que lê. Tudo estava posto e, diante de toda agonia, eu só precisava ler. Todas as coisas daquele ambiente faziam parte do grande plano de libertação daquele jovem, mas, enquanto ele planejava se libertar, amontoou sujeiras que originaram animais indesejáveis e

odores dentro de si. O que poderia ter causado tamanho estrago? Perguntei-me: Onde? O que estavam fazendo? Com o que estavam preocupadas as pessoas? Ninguém conseguiu enxergar durante 17 anos... Depressa comecei a conversar. Essa parte é difícil descrever, porque foram fortes as revelações. O que posso dizer é que, por mais que eu quisesse o impedir do plano suicida, eu não poderia, porque, se não fosse ele, deveria ser eu. Não havia lugar para dois... Tudo começou a se estreitar... Eu não poderia impedi-lo de se libertar, pois comecei a compreender que era por esse motivo que eu estava naquele lugar. Alguém precisava escrever. O sangue deveria jorrar, as roupas da infância deveriam ser queimadas, e a morte deveria acontecer, pois somente depois da morte ele poderia sair das sombras que o prendera e, conseqüentemente, eu também. Caso contrário, ficaríamos os dois presos eternamente e a história não seria contada... O que sabem os pais sobre os filhos? O que sabem os irmãos? O que sabem os amigos? A religião pode salvar? Meu Deus! Não havia ninguém. Eu só pude dizer para ele: - Vá! Lembro-me, fielmente, de suas últimas palavras antes do enforcamento: - “Fica, você, porque você é a parte feliz”. Aí, então, ACORDEI !

BORBOLETAS EM GAIOLAS

MARIA FERNANDA



No mundo dos passarinhos, a vida era simples e boa, não o tempo todo, mas era. Eram sempre os pássaros pais e os pássaros filhos... Zé era um pássaro filho que gostava de sua casa que era boa, apesar de enferrujada. Todavia, quando se completa a idade, chega o momento de abrir voo sozinho... então os pássaros pais levaram Zé para a loja de gaiolas.

Zé, passarinho, sozinho sempre quis ter uma casa colorida (como as do centro), mas na loja da avenida só havia gaiolas de cor de ferrugem, de madeira e de prisões que o faziam chorar sem os pássaros pais por perto.

Escolheu a branca por opção, era a mais barata, lembrava os olhos de sua mãe.

Não foi muito tempo até a gaiola começar a descascar, sua cor tornava-se triste, e Zé viu a gaiola azul do vizinho chegar novinha... Queria abrir sua portinha e fugir para a esquina, mas a comida “cá” era boa, e suas asas nem eram grandes assim.

Zé passarinho vivia na casa branca, almejando a azul, sonhando com a colorida.

Num dia nublado de pouco sol, uma borboleta de asas curtas se aproximou; ela voou ao redor da gaiola, e depois seguiu caminho até o outro lado da rua. Zé passarinho pôde, então, observar a construção de um jardim, onde monocromáticas flores atraem tingidas borboletas.

Ele não entendia como coloridas borboletas, de asas curtas, podiam voar para tão longe e ainda assim voltar. Que graça tinha uma gaiola branca? E como tinham ânimo para voar num dia como aquele?

Viu-se refletido no vidro da janela e cantou exagerado quando apetrechos foram inseridos repentinamente em sua casa. Chocou-se, eram coloridos, deixaram-no feliz.

Passou a espalhar os diferentes grãos no chão da sala e a cantar pela manhã... Refletiu sobre como podiam as borboletas viver livres e ainda assim estar presas em gaiolas, como agora... Dentro de sua barriguinha. Não sabia por que o pássaro vizinho vivia triste em seu poleiro azul, mas sabia que borboletas em gaiolas deixavam sua vida boa, e sua casa bonita tão quão as gaiolas do centro.

E isso era suficiente.

INSÔNIA – POEMA

MARIA FERNANDA



Por muito tempo tive que esconder
O que estava enraizado em mim
Era eu
E nada mais que eu

Estou literalmente chorando
Pela vida que não posso ter
Desculpe, amor,
Eu nunca quis te envolver

Juro que tentei te manter longe
Juro que tentei te salvar de mim

Mas tu já havias me dominado
Impregnou em cada célula
Do meu ser

O que deu em mim
Pra querer te tocar
O tempo inteiro

Sei que pensas que mora longe
Mas não paga aluguel
Para habitar
Meus pensamentos

Cada átomo do meu corpo
Funcionava em prol do momento
Em que eu pudesse
Te ver de novo

Me tiraste o sono
Na mais calma das noites
Eu tenho a insônia dos amantes
E a culpa é toda tua.

CAFÉ

RENAN CAMILO BRAGA



Passei um café.
Não me resolveu.
Passei ele? Não,
passado fui eu.

Não sobrou muito,
ficou o que filtrou e não serviu.

Passado de lá pra cá,
com o resto de tudo
e o bem, o cheiro,
a cor, a História.

Café passado não resolveu,
mas o passado com café sim.

MOERENA

CAMILO BRAGA

Maria, que faz em Pernambuco?
Nasce, cresce, muda e mais um pouco.
Do Brasil, o coração de Moreno,
forte e pelos outros sofrendo,

Além do fundo do mar
que mora nesse olhar,
o castanho das matas
é Maria que faz.

Com a mão e a pena,
sem forja, nem cena,
a Iracema cria poema.

VIDA

VERÔNICA MARIA DE FARIAS



Durante minha vida já pensei em desistir,
mas eu perderia o que poderia vir a seguir.
Claro que tenho medo de continuar,
às vezes me pego a chorar,
mas sei que vai valer a pena seguir.
Se eu escolher prosseguir,
vencerei algumas a batalhar.
Vencerei as coisas que querem me tirar o ar.

VOCÊ E EU

VERÔNICA MARIA DE FARIAS



Se a natureza pudesse falar sobre a pandemia, diria como sobreviveu.
Contaria sobre todos os momentos de alegria,
sobre você e eu.

Nos diria para aproveitar a companhia,
a valorizar o que ela nos deu.

Por tanto tempo não se ouvia o silêncio e a calma.

A natureza sempre esteve aqui, viveu, morreu e reviveu.

Só faltava você e eu percebermos a ousadia.

ALÔ?

HELDIO VILLAR



Qualquer pessoa irá colocar o telefone entre as grandes invenções. (As mulheres especialmente, pois são as grandes usuárias do aparelho de Graham Bell.) Eu também acho que o telefone foi uma grande invenção, que, com o tempo passou, de interessante para útil e de útil para indispensável. Ao mesmo tempo, tenho uma série de restrições contra o aparelhinho. As pessoas abusam dele, ele incomoda bastante e por aí vai. Em consequência, reconheço que às vezes me falta “jogo de cintura” para usar o telefone, o que será reconhecido por alguns daqueles que me tiveram como interlocutor. Essa característica certamente herdei do meu pai, que era outro lacônico usuário do telefone. O que, por outro lado, não mexeu com sua proverbial presença de espírito.

Nós tivemos telefone em casa entre 1960 e 1962, quando meu pai comandou o quartel de Paulo Afonso, e, depois disso, só em 1967, quando morávamos no Rio de Janeiro e adquirimos, por Cr\$ 1.500,00 (uma pequena fortuna onde morávamos, o Edifício Praia Vermelha, um monstro de cerca de 400 apartamentos, éramos dos raros (talvez 10%) que tinham telefone em casa.

Logo depois que compramos esse telefone, que ficava no quarto em que meu pai e minha mãe dormiam, o aparelho tocou de madrugada. Meu pai acordou e atendeu sonolentemente.

– Alô?

– Olha, – alguém falou – prenderam o Zé!

Meu pai aí acordou de vez. Afinal, seu cunhado, José de Medeiros, era, obviamente, conhecido como Zé.

– Meu Deus! O que foi que ele fez?

– Sabe como é, – foi a resposta – o de sempre. Eu já tinha avisado pra ele que um dia a polícia ia pegar. Ele deu moleza, e não deu outra.

Meu pai, nesse ponto, percebeu que, evidentemente, tratava-se de outro Zé.

– Onde é que você está? – ele perguntou.

– Naquele lugar de sempre, na Lapa.

– Perfeito. Espere aí que eu chego em menos de meia hora.

– Tá legal – o homem respondeu, mais tranquilo. Meu pai desligou, virou-se para o outro lado e voltou a dormir.

Mais de uma década e meia depois, já no Recife, o alvo de um engano semelhante fui eu. Na época, meu telefone era o 326-7098. Numa tarde, o telefone tocou. Eu estava exatamente ao lado e atendi.

– Quem fala é Inaldo...

Achei esquisita essa introdução, mas respondi: – Pois não, pode falar.

– Eu estou com um cheque sem fundo seu – meu interlocutor anunciou.

Aí eu fiquei sobressaltado. Àquela altura dos acontecimentos, tendo sido correntista bancário havia mais de 15 anos, orgulhava-me de nunca ter passado um cheque sem fundos.

Na verdade, eu havia passado um cheque sem fundos quando morava no Canadá, em 1981. Já estava de saída do país, quando, num início de noite, uma adolescente bateu lá em casa e perguntou quanto eu lhe pagaria para ela participar de uma corrida naquele fim-de-semana em prol de uma causa qualquer, uma prática muito comum em certos países. Eu disse que pagaria 5 dólares. Ela aceitou e disse que viria buscar o cheque mais tarde, após dizer onde ela iria correr e me convidando para ir assistir.

Evidentemente que não fui vê-la correr, mas uns dois dias depois ela bateu de novo lá em casa. Disse-me que tinha participado da corrida, no que eu acreditei, passando-lhe às mãos um cheque de 5 dólares do Scotia Bank. Esse banco tinha uma prática curiosa: ele descontava uma quantia pequena, creio que uns 2 ou 3 cents, de cada cheque compensado. No dia seguinte eu fui ao banco e, como viajaria de volta ao Brasil até o fim daquela semana, pedi à minha gerente que me desse todo o dinheiro convertido em dólares americanos, mas tive o cuidado de pedir que deixasse o suficiente para cobrir o cheque de 5 dólares.

Mais de seis meses depois, no início de 1982, um brasileiro, que era meu vizinho no Canadá, veio passar as férias no Recife e me trouxe alguns documentos que haviam chegado depois que eu tinha saído. Eram cartas antigas, papéis da universidade, o último extrato do Scotia Bank e o cheque de 5 dólares devolvido. Ao analisar o extrato, verifiquei que a gerente tinha deixado na conta apenas os 5 dólares, sem os 2 ou 3 cents que o banco cobrava para descontar o cheque. Por conta disso, o cheque não foi descontado. Até os dias de hoje, foi meu único cheque devolvido.

Como eu me declaro inocente desse episódio, vale, então, a assertiva de que nunca passei um cheque sem fundos. Daí minha preocupação com o que meu interlocutor me dizia naquele momento.

– Cheque sem fundos? Meu?

– Exatamente – o homem respondeu. – E nós já pensamos em executar, mas antes queríamos falar com você.

Eu estava estarrecido. – Você trabalha onde? – perguntei.

– No Bompreço – foi a resposta. Aí o caso se tornava mais complicado. Era muito raro eu pagar alguma coisa no Bompreço com cheque.

– Podia aguardar um instante? – inquiri.

– Perfeitamente – foi a resposta. Peguei meu talão de cheques e conferi os canhotos. Pelo menos até uns bons dois meses antes, eu não tinha pagado qualquer cheque ao Bompreço.

– Meu amigo, esse cheque é de que banco? – perguntei.

– Do Banco Itaú.

– Rapaz, isso me deixa mais aliviado. Não tenho, nem nunca tive, conta no Banco Itaú. Logo, o cheque não é meu.

– Inaldo, eu já vi que não temos acordo – o homem retrucou, já mal-humorado. Foi aí que eu percebi que quando ele começou nossa conversação, ao invés de afirmar “quem fala é Inaldo”, ele tinha questionado “quem fala, é Inaldo?” O que aconteceu foi que eu não tinha entendido sua entonação.

– Meu rapaz, meu nome não é Inaldo – declarei.

– Inaldo, das outras vezes você não tinha negado que era você. O que está acontecendo agora?

– Cara, eu nunca passei cheques sem fundo na minha vida e, de uma vez por todas, meu nome não é Inaldo!

– Inaldo, eu acho que desta vez nós vamos ter de cobrar judicialmente, já que você não quer acordo.

Eu começava a ficar incomodado. – Meu amigo, eu já disse que meu nome não é Inaldo. A propósito, você ligou para que telefone?

O homem respondeu com um número que começava com 326, mas cuja terminação era ligeiramente diferente de 7098.

– Eis aí! – respondi, triunfante. – Meu número é 326-7098 e não esse que você falou!

– Inaldo – meu interlocutor insistiu – eu não liguei errado.

– Claro que ligou. Eu já disse que meu número é 326-7098. Faça o seguinte, ligue 326-7098 e você vai ver que eu vou atender.

– Inaldo, eu não vou ligar de novo. Já que não temos acordo, vou fazer a cobrança judicial.

– Você pode fazer o que você quiser – respondi, agora falando alto. – Mas eu quero que você saiba que meu nome não é Inaldo!

– Bem, Inaldo, você é testemunha de que eu tentei de tudo e você não quis colaborar. Prepare-se para receber o oficial de justiça.

– Perfeito – respondi, mais calmo. – Mas antes você podia me fazer um favor?

– Pois não?

– Ligue pra Inaldo!

O homem bateu o telefone.

A HISTÓRIA DO MENINO QUE DEU UMA VOLTA DE MOTO

IAGO PATRICK RODRIGUES DA SILVA



Um dia Robin estava na praça quando Biu, o menino mais bonitão, foi ao seu encontro para conversar. Assim Biu disse:

– Que tal a gente dar uma volta de moto?

Robin falou:

– Vamos.

E assim eles foram. Biu levou Robin para um lugar muito molhado e o deixou lá. Robin desesperado correu até sua casa para chorar a noite toda.

Biu foi embora e nunca mais foi visto por ninguém e dizem que ele chora até hoje.

EU SOU UM MESTRE DO 21

GUILHERME PONTES DE OLIVEIRA LIMA

Eu sou um mestre do 21.

E isso é tudo do que você precisa saber a meu respeito.

Aprendi sobre o jogo na infância, com meu pai, e, a partir daí, fiquei completamente obcecado por ele. Estudei as táticas, joguei quase todos os dias com meus amigos na escola, vi na internet dicas de jogadores mais experientes e, assim, no decorrer de um ano, virei um , sendo não só capaz de vencer meus amigos, como também os colegas do meu pai que jogavam com ele há tempo e até mesmo outras pessoas que, como eu, estudavam e tentavam ficar melhores no jogo.

Depois disso, eu continuei jogando e tentando melhorar sempre que podia, porém sem o mesmo entusiasmo de antes.

Isso é, até os meus 18 anos, quando meu pai me introduziu ao mundo da aposta, e eu comecei a ganhar dinheiro jogando.

Logo que o fiz, eu rapidamente descobri que era ainda mais talentoso que eu ou meu pai podíamos sequer imaginar: eu joguei contra outros mestres, profissionais no jogo, campeões estaduais e nacionais e até mesmo contra o quinto melhor jogador de 21 do mundo, sempre apostando alto e vencendo todas.

Desnecessário dizer, eu não só fiquei rico com o 21 como fiz dele minha profissão e continuei jogando por muito tempo depois de vencer do quinto melhor, sempre apostando alto, sempre vencendo e sempre ganhando muito dinheiro no processo.

Um dia, porém, um amigo me disse que alguém se autointitulando “o mestre das cartas” estava me desafiando para um jogo de apostas.

Como apostar era meu emprego e, principalmente, como eu queria fazer quem quer que fosse o convencido que se autointitulava daquele jeito engolir as próprias palavras, eu aceitei o desafio. Indo ao local combinado, eu me encontrei com o tal “mestre das cartas” (que, provavelmente para não ser reconhecido, estava usando um longo sobretudo e um grande chapéu Fedora virado para baixo para cobrir seu rosto) e comecei a jogar.

Todavia, logo que o jogo começou, eu notei que algo estava estranho.

Como preparativo, ele me entregou o baralho com a qual estávamos jogando e pediu que eu o embarlhasse.

Depois que eu lhe entreguei o baralho de volta, contudo, ele pegou as primeiras 18 cartas de cima, entregou 9 para mim e ficou com 9 para ele.

É, claro, foi aí que eu protestei:

– Ei, que diabos é isso?

– Isso o quê? - disse o meu desafiante com uma voz que eu não consegui determinar se era masculina ou feminina.

– O que diabos você acha que está fazendo? Você se autodenomina mestre das cartas e nem sabe quais são as regras do 21? Que tipo de idiota é você?

– Quem disse que estamos jogando 21? - disse meu desafiante, calmo/a.

– Como assim?

– Só porque você é conhecido por ser um mestre no 21 não quer dizer que todos os seus desafiantes vão chamá-lo para uma partida de 21. Até porque, como você mesmo mencionou, meu título é de “mestre das cartas”, o que já implica que eu me especializo em vários jogos, não só no 21.

– Então, o que nós estamos jogando?

– Buraco, não acho que você conheça.

Ao ouvir aquilo, eu, é claro, já estava me levantando, pronto para cancelar tanto a partida quanto a aposta e ir embora, contudo:

– Se acovardando, eu presumo. Bom, acho que no final isso é algo a ser esperado.

– O que você disse?

– “Qualquer um aceita um desafio que sabe que vai ganhar, apenas os corajosos, porém, aceitam um desafio que sabem que estão em desvantagem”, essa era a frase que o meu avô sempre dizia, e é a frase da qual sempre me lembro quando me encontro com gente como você.

Eu já fui chamado de muita coisa na vida, mas nunca de covarde, algo que eu pretendia manter do jeito que estava.

Assim, depois que ele/a disse aquilo, eu parei de me importar com a grande quantidade de dinheiro que eu poderia perder e aceitei o desafio. Com o único objetivo de fazê-lo engolir não só seu título de “mestre das cartas” como sua alegação de que eu era um covarde.

Antes disso, porém, eu pedi que ele/a, ao menos, me ensinasse as regras básicas de buraco, e assim o fez: mostrou-me que trios de cartas podiam ser formados, as regras do descarte e a aquisição de cartas e sobre como vencer (fazendo três trios corretos antes do oponente).

Em adição, ele/a também me informou que, toda vez que um jogador de buraco forma um trio, é normal que ele o ponha à mostra na mesa.

Obviamente, mesmo sabendo disso, eu não fiquei bom no jogo instantaneamente e cometi muitos erros no começo. Mas, à medida que o jogo foi avançando, eu, com facilidade, consegui passar algumas das táticas do 21 (como o uso da probabilidade) para o buraco e, assim, comecei a me dar bem. Em certo ponto, até mesmo conseguindo formar dois trios dos três de que eu precisava.

Foi, então, que eu notei algo que me surpreendeu: que meu desafiante ainda estava com nove cartas na mão, o que significava que ele ainda não tinha formado nenhum trio, enquanto que tudo o que eu precisava fazer para ganhar o jogo era descartar o ás que tinha em mãos, pegar a primeira carta do baralho, deixar ele fazer a jogada dele (assumindo que, nela, ele também pegasse a primeira carta do baralho) e pegar de novo a primeira carta do baralho (cuja chance de ser a carta de que eu precisava para formar o último trio era extremamente alta).

Desnecessário dizer, logo que percebi aquilo, fiquei tão confiante na minha vitória que até parei de me concentrar no jogo. Começando, ao invés disso, a planejar como ia humilhá-lo/a por perder para um iniciante, apesar de ficar espalhando por aí essa baboseira que era o/a tal “mestre das cartas”.

Assim, eu fiz minha jogada como o planejado, porém, quando chegou a vez de meu desafiante, ele/a riu um pouco, descartou um 3 de espadas e falou:

– Exatamente do que eu precisava. – disse ele, pegando meu ás e pondo todas as suas cartas na mesa, revelando ter três trios completos.

– Venci.

– Espera um pouco, você disse que toda vez que um jogador forma um trio ele tem que baixá-lo na mesa e ficar só com as cartas que ainda não são trios na mão! - Protestei :

– Você trapaceou!

– Sabe, eu realmente adoro gente como você. – disse ele num tom zombador, após rir um pouco. - Gente orgulhosa, e principalmente, desesperada e totalmente focada em defender seu orgulho. Pelo simples fato de que é tão fácil arrancar dinheiro dos seus bolsos que dá até pena.

– E daí? O que isso sequer tem a ver com o nosso jogo?! – disse , ficando cada vez mais irritado.

– Não percebe? Eu nunca disse que você precisava baixar os trios que você completava, só que os jogadores quase sempre faziam isso. Ou seja, apesar de ter dito isso enquanto falava das regras do jogo, eu nunca disse que essa **era** uma regra, só que era um hábito da maioria dos jogadores. E você, tolinho do jeito que é, ignorou esse pequeno detalhe e se confundiu por estar focado demais em

tentar aprender como defender seu precioso orgulho, o que também foi a razão de você ter perdido.

– Como assim? Explique-se! - gritei, agora tão curioso quanto zangado.

– Eu lhe ensinei que seu objetivo nesse jogo era pegar as cartas de que você precisava para formar três trios e vencer, porém quase todo jogo que diz que você tem apenas que alcançar **uma** determinada meta para vencer está mentindo. Pois jogos assim quase sempre têm dois objetivos: completar o propósito necessário para a vitória e impedir que seu inimigo faça o mesmo antes de você. Digamos que você foi razoavelmente bom em cumprir o primeiro objetivo (descartando as cartas que você não precisava e pegando as que precisava), contudo, por estar muito focado nele, você acabou falhando miseravelmente no segundo (não prestando atenção nas cartas que eu descartava e parecia precisar e, assim, descartando cartas sem nem ao menos parar para pensar se aquilo podia me beneficiar ou não) e por isso perdeu. – disse ele/ela levantando-se para ir embora. Antes de parar por um momento, voltar seu olhar para mim e dizer: - Ah, e obrigado pela mansão, vou me assegurar de que ela seja tratada com o mesmo cuidado das outras que ganhei de “mestres” como você.

Fim.

O TORCEDOR DO VASCO QUE DEVIA A UMA AGIOTA

FERNANDO LAGUZZA DE OLIVEIRA FILHO



Certo dia, um torcedor do Vasco, chamado Casimiro Miguel, estava devendo 1.000 reais a Ana Beatriz, que era uma agiota, conhecida como vela de libra, por sempre acender uma vela após matar seus devedores.

Casimiro contraiu a dívida devido ao seu vício no jogo do bicho, o que fez com que ele gastasse todo o seu dinheiro apostando no cavalo.

Casimiro, porém, não tinha dinheiro para pagar; resolveu, então, confrontar a agiota com uma garrafa de pinga quebrada, mas antes que pudesse fazer algo, ele foi atropelado por um caminhão da cerveja Petra e, após alguns dias no hospital, ele foi jogar no Vasco.

ENCADEAMENTOS

RUBEN CARLO BENANTE



Ontem foi aniversário de Paulo Portela. Tinha esse nome esquisito, não se sabe se por coincidência do destino, ou se foi o contrário e por causa do destino tinha esse nome esquisito, já que ele trabalhava numa pequena porteira da fazenda Santo André, no interior da serra que separa o litoral da capital paulista. A porteira era uma espécie de cancela, que fechava para o trem passar (trem de carga, pois infelizmente há muito não se via mais trem de passageiro por aquelas bandas). Ele aproveitou bastante o aniversário, mais até do que deveria, pois encheu a cara de Pitu e acordou só lá pelas onze horas da manhã. Correu para o serviço, com uma dor de cabeça de bigorna, mas já sabia que o turno da manhã tinha sido perdido. Ainda bem que nas quartas-feiras o primeiro trem só passa ao meio-dia, pensou ele com os poucos neurônios sóbrios, se eu correr ainda chego há tempo.

Toda terça para quarta, no revezamento do expediente de Manolo com João Braço, dois maquinistas impertinentes e impedernidos, numa estação de ferro lá para os lados de Araçatuba, a mais de doze horas de distância da serra do litoral, Manolo passava o posto da Maria para João Braço. Maria, carinhosamente chamada assim, era a locomotiva.

Naquela terça-feira, Manolo olhou no relógio e maldisse a hora: vou chegar muito cedo e aquele empedernido vai aparecer só lá pela meia-noite e meia, me fazendo esperar mais de uma hora. Manolo tinha adiantado um pouco a viagem, pois queria fazer uma surpresa à Maria (sua mulher), que tinha lhe dado a notícia de que o filho nascera, e por isso ele estava ansioso e eufórico de chegar logo em casa.

Voltar mais no tempo é besteira e podemos começar a confundir fatos realmente importantes. Não é porque Manolo e Maria fizeram amor há nove meses, numa segunda-feira de folga de Manolo, culminando no nascimento de seu filho logo nesta terça-feira que o fato deixa de ser uma continuação encadeada da história. Mas o ser humano tem essa mania de achar que sabe quais são realmente os fatos importantes, quais estão relacionados, quais não estão e de onde se deve começar uma história. Isso, apesar de arrogante, é até útil, senão daqui a pouco estaríamos falando do pai e da mãe de Manolo e de seus avós e dos pais e mães dos outros envolvidos e de quando fizeram amor e da Maria (a locomotiva), de quando ela nasceu (foi construída), etcetera.

Na segunda-feira, João Braço brigou com a esposa, que lhe colocou para fora de casa. João Braço dormiu mal, triste da vida, lá na ferroviária, num banco acolchoado de espuma, na sala de despensa utilizada pelos funcionários. Passou o dia por ali, tomou um pingado no boteco da esquina que abriu logo que amanheceu o dia, leu jornal, olhou cada um dos vagões que por ali passou, cumprimentou amigos maquinistas que há muito tempo não via... Estava entediado, não aguentava mais. E sempre lembrando Joana. Pensou em ir lá, conversar com ela, ver se tinha volta. Quando decidiu, já era mais de dez horas da noite e não dava mais tempo, que seu turno iria começar. Estava pálido, com olheiras, ainda com fome, pois estava duro.

Manolo chegou à ferroviária meia-hora adiantado e ficou contente de ver que João estava lá, de prontidão, esperando. O que aconteceu? Caiu da cama? perguntou Manolo. Eles não se davam muito bem, e João resmungando disse: não aguento mais essa ferroviária, e com uma pressa de quem passou o dia inteiro ali esperando, entrou na Maria, apitou, apitou e já nervoso com a demora de ter que dar três apitos, apitou e partiu para o seu destino.

Pedro Calcário era assistente de pedreiro numa obra de gasoduto que levava gás de São Paulo para o Guarujá. Já tinham percorrido muitos quilômetros e estavam agora na fase mais difícil, a de atravessar a serra. Eram muitas encostas e montanhas e desvios feitos para poupar equipamentos, gastos, e principalmente, cano. Fazia uma semana que Pedro vinha com uma bicicleta do patrão, e pedalava do acampamento até a obra, cruzando a estrada de ferro, sempre às onze e trinta da manhã. Ele não gostava de atrasar, pois ali era uma descida de encosta que lhe dava pique para subir, pelo menos, a metade do morro seguinte sem esforço, o que era importante para ele, já que vinha carregado com dois sacos enormes de mantimentos para os trabalhadores comerem. Além disso, os alimentos tinham que chegar na hora certa, no almoço, senão atrasava a obra. Um dia o seu patrão brigou com ele, pois por causa de cinco minutos (eram cinco para meio-dia) ele viu o trem cruzar à sua frente, e ele ficou ali parado mais de meia-hora, esperando todo aquele maquinário passar. Além disso, perdeu todo o embalo e teve que subir a encosta toda empurrando a bicicleta, o que lhe fez perder mais uns dez a quinze minutos. Sei que, no final, o pessoal foi almoçar mesmo lá por volta de uma e meia da tarde, o que era um desrespeito com os trabalhadores, disse o patrão.

Era quarta-feira, onze e trinta em ponto, quando lá no horizonte de um pequeno morro não muito distante, aponta a cabeça de Paulo, vindo em direção à porteira que lhe garantia o sustento. Ele não podia, nem queria correr, pois a

ressaca o relembrava a dor de cabeça cada vez que seu pé tocava o solo, por mais macia que a grama fosse.

Do alto do morro, ele avista a fumaça da locomotiva, vou chegar em cima, em cima. E continua sua passada ritmada, já calculado o tempo do caminho que conhecia. Não olhou mais para a locomotiva, para recalcular seu ritmo, pois olhar para frente lhe dava um grande nó no estômago e uma vontade de vomitar. Além do mais, ele olhou para o relógio e disse consigo mesmo: está um pouco adiantada. Deve vir devagar.

João viajou nervoso, pensando em sua querida esposa que lhe pusera porta a fora. Ficaria alguns dias longe de casa, e será que quando voltasse ela lhe perdoaria? Será que, quando voltasse, ela estaria com outro? Esse pensamento recorrente o irritava ainda mais, e com mais força ele enforcava o pescoço dela num gesto que imprimia velocidade na manete de Maria. A paisagem era linda, com montanhas verdes para todos os lados do horizonte que se olhava, porém João só via o carvão em brasa na fornalha. O fogo do inferno para aquela mulher se eu chegar lá e encontrar outro homem, ruminava João.

Pedro já estava no topo da montanha, embicou a sua bicicleta para a estradinha e pegou o embalo de que tanto gostava. A bicicleta parecia flutuar a cada pequena lombada da terra, ou mancha de areião, que exigia enorme destreza e concentração a cada metro de chão que surgia na frente, para conseguir tirar a máxima velocidade. Só tirou os olhos do chão uma vez, na distância certa e necessária para frear, caso visse a porteira fechada para o trem. A porteira estava aberta.

Paulo, que vinha caminhando a passos medidos, quando acabou de fazer a pequena e última tortuosidade do caminho na grama, arriscou endireitar o corpo, já um pouco melhor da ressaca por causa do exercício. Viu Pedro no alto da montanha, descendo desenfreado.

João, na sua fúria, esqueceu de apitar para avisar que estava prestes a passar pelo cruzamento.

Pedro, novamente concentrado nos buracos e montinhos no chão, procurou por aquele em forma de rampa, que ficava a uns cinco centímetros do trilho, e era alto o suficiente para tirar do chão aquela bicicleta pesada, apenas o necessário para rampar por cima do trilho e cair do outro lado sem perder o embalo. Avistou o já conhecido montinho, apontou a bicicleta para ele e continuou em disparada.

Paulo viu à sua frente a terrível velocidade em que se encontrava a locomotiva. De repente, como que somando dois e dois são quatro, começou uma corrida desesperada em direção à porteira.

João só foi lembrar do cruzamento quando estava praticamente em cima dele. Apitou com força, com raiva, como se o grito de Maria lhe acalmasse a sede de vingança. Nesse momento, avistou a bicicleta de Pedro.

Pedro pulou.

Paulo pulou.

João pulou.

Pedro foi voando por cima dos trilhos.

Paulo foi voando em direção à porteira.

João foi voando para cima do freio de Maria.

Pedro escutou o som ensurdecedor e, ao seu lado, viu Maria gritando.

Paulo bateu a porteira, por trás de Pedro.

Maria bateu firme em Pedro, esmagando-lhe e jogando a comida dos trabalhadores por quase um quilômetro, enquanto rangia as rodas travadas, num gemido de tristeza.

João, assustado, viu o vermelho do sangue que cobria todo o compartimento, e se lembrou de sua amada e chorou.

Paulo ficou deitado atrás da porteira fechada, de olhos fechados, com uma dor de cabeça incrível.

Era quarta-feira, às onze horas e trinta e cinco minutos.

Manolo conheceu o seu filhinho, e o chamou de Pedro.

A SAGA DE AYRTON E PETRA NO APOCALIPSE DE ZUMBIS CALVOS

AYRTON ELEOTERIO MARINS SILVA

Era um dia normal na vida de Ayrton e Petra. Ele era bastante feio, e ela nem um pouco calma. Enquanto assistem ao anime Akernaak, a transmissão é interrompida pela chamada do plantão da globo e a grande apresentadora Anita dá a notícia de que um apocalipse zumbi com vários zumbis calvos estavam invadindo a sua cidade. Sem pensar duas vezes, Ayrton pegou seu cachorro e sua cachaça, colocou no carro e esperou Petra, que pegou somente sua gata astuciosa.

Após uma semana de sobrevivência, Ayrton é encurralado por 4 zumbis surpreendentemente lentos. Até que de repente, aparece Neymar, seu vizinho tabacudo, com um cigarro na mão matando os zumbis calvos. Após correr de volta ao abrigo, ele encontra Petra ao lado de um violão, segurando uma espada, imóvel em cima de um zumbi já morto; Ayrton e Neymar enterra Petra junto a seus dois pertences favoritos, uma televisão quebrada e um facão.

APÓS 6570 DIAS

GUILHERME MEDEIROS



O mundo é frio
Indiferente, imperturbável, insensível
E, ainda assim, ele continua o seu giro
Tique taque, imperecível, impassível

E nós aqui choramos
Rimos, gritamos, rezamos, nos despedimos
Tão somente chegou, já se foram
Tão rápido é nossa estadia, mal aproveitamos

As flores florescem
O sol nasce, o bebê chora, o ovo choca
Tão linda é a vida, dê os parabéns
Vê, vive e aproveita tua estada

Não pisque, não empurre
Está apenas começando,
Abraçe, se envolva, há tanto a se ver
Por isso, os seus dias começam hoje
Divirta-se, ainda há muitos dias

O mundo continua a rodopiar
Os seus dias continuam a passar
Aproveitaste? Os dias tornam-se noite
E nós voltamos a chorar, rir, gritar, rezar
É dada a nossa hora de nos despedirmos, até

CONTEMPLANDO A BETONEIRA

LUCAS HIGINO MONTEIRO



Durante um belo final de tarde, Petra observava a bela vista da janela. Diferente de um dia normal, a vista da idosa vermelha que costuma encontrar estava ofuscada por algo mais chamativo.

Inesperadamente, uma betoneira carinhosa aparece em seu campo de visão e segue rumo a sua casa. Em resposta ao objeto encontrado, Petra se esconde em casa, não apenas correndo e fugindo; ela decide armar uma resposta ao nível do que tinha visto.

Ao cair a noite, a porta da frente se abre e subitamente se revela um canhão dos crias feito com materiais caseiros, e, dessa vez, o espanto não veio de Petra. Um grito é escutado na direção da betoneira; Renan, primo da garota, criou o objeto a partir de achados da região e trouxe para a casa de sua prima, assim como faz todas as férias, mas nunca conseguiu superar a criatividade de Petra.

Ambos entram para dentro de casa com suas novas criações e brincam juntos a noite toda.

A HISTÓRIA DO MACACO FERNANDO

PETRA BAÍA DE LUCENA QUEIROZ



Era uma vez um macaco muito esperto chamado Fernando que vive na floresta com o seu amigo macaco Ayrton que come muitas mangas. Um belo dia de sol, Ayrton perguntou a Fernando:

– Fernando, vamos comer manga?

Fernando, então, respondeu a Ayrton de maneira perspicaz:

– Ayrton, eu não como mangas, apenas como pitaias adocicadas.

Ayrton, muito triste e pensativo, voltou para casa comendo suas mangas estragadas. Decidiu passear para distrair sua cabeça e voltou para encontrar seu estranho amigo Fernando em um deserto da floresta. No entanto, ele não sabia que Fernando estava precisando comer e tinham acabado todas as suas pitaias. Ayrton olhou para Fernando e disse:

– A vida é uma manga, um dia tu mangas de mim, outro dia eu mangos de tu.

BALADA DE UM HOMEM CANSADO

CLODOALDO ROCHA



Por medo de ser sozinho
Me casei com a solidão
Morando no abismo dos olhos
Observando o dia, meteoro pênsl
Há algo no teto que não é luz nem traça
É mais piso do que teto, gruta que abraça
Que me confina sob o chão
no privilégio do silêncio

Queimei no estapafúrdio pingar de suor
no balbuciar do coração e nos gemidos do tato
Me cubro de cinzas que outrora
cobriam como abrigo minhas emoções
E a faísca que acendeu o incêndio sobrevive
às inundações como parte do espetáculo
sem audiência viva e sem esperança morta

Na visão, não há paisagem
os óculos soam sua miragem
Os ídolos morrem na corrida do tempo
E o passado é uma resposta presa no momento



Quem orchestra o naufrágio do meu corpo
sobre as telas que brilham o semblante cruel?
Apagam, no cansaço, as cores de céus
de bocas e de mundos, universos em resma de papel
Sou um misto de bocas, de livros, de lixos
que ascendem palavras, esboços de gritos,
cravados em folhas e nas luzes do dia
Maluco que afirma: isso é poesia!

Mas que adianta uma loucura
se a mente viaja e o corpo é estátua?
O nascido do louco é pedra, é água, é tudo
O que temos por “normal”, maluquice pariu
e nas entranhas desse mofo, chamado vida,
afundo meu corpo, tão podre, tão ferida,
quanto o cranco espalhado no peito

E só doença define meu senhor;
só palavra finda meu pesar
Só porque no pesar encontro lamúria
Combustível de dor, de horror, de vida
Só no meu chorar encontro alívio
contra medo, contra amor, sobressaltos!
Nos maus-tratos na rua, só cores esquecidas

Tenho olhos para a realidade?
Tenho ânimo para novos ventos?
Não levanto sem a dor da concepção
e o fardo de estar frutifica o desgosto
que me faz pisar no chão de um novo dia

*

Só lamento na arte que é meio para voz
Só lamento os amores que tão juntos me deixaram só
Só lamento o meu fim. Por que não 100 anos a mais?
Peço calma para todos e esqueço meu sangrar
Só explodo quando o crânio aperta
Nunca com pálpebras abertas
Nunca fui menor que o quarto
Prendi meus sonhos nesse cenário

Não sei se já posso abrir a mente
e pensar em novas coisas
Como só penso em três
desespero-me, de vez
nesta hora em que pensar
me traz aromas de morte

Ser poeira é brincadeira
comparado ao hercúleo esforço
de respirar um pensamento



De um cantar, desperto a mudez
De um mal- estar, invoco a sensatez
Mas só me animo quando o amor é pouco
e quando a navalha grita muito alto
No mundo, nada se deixa a não ser os filhos
Nada se deixa, a não ser o tempo
que te leva e levará o resto,
mesmo contra a vontade
de um novo dia ser ateu

Mas mesmo no meu cansaço
mesmo nesse humor escasso
nos dentes amarelos e olhos roxos
mesmo na noite que é diurna
não estou pronto para o adeus
nem em acreditar num Deus
nesta minha vida curta

Se no pesar, existo
no viver, persisto
apesar de mim

UMA CAÇADA GALÁTICA

PEDRO HENRIQUE BARROS PINHEIRO

Em algum lugar da galáxia, o cavaleiro jedi, Matusalém, e sua aprendiz Maria, buscam pela mercenária Joana, uma das criminosas mais perigosas do sistema estelar. A árdua busca acaba quando os jedi a encontram no planeta Bernam em uma pequena cidade chamada de Recify.

Com o objetivo de localizar a mercenária, vão a um misterioso bar, lá veem o barman e dono do lugar, um morador local com o nome de Jeremias. Comprando a informação, pelo preço de importantes peças de sua nave, eles se dirigem a uma caverna próxima a uma cachoeira.

Lá confrontam seu alvo numa batalha, em um momento de descuido da criminoso, o jedi usando a força, pega uma grande pedra e a arremessa na cabeça da criminoso, deixando-a desnorreada e, assim, prendendo-a. Após o término do difícil confronto e captura de seu alvo, os jedi retornam a sua nave e vão em direção a sua próxima missão.

A PRINCESA PETRA QUE NÃO GOSTAVA DE POBRE

RENAN FEITOSA CARTAXO

CAPÍTULO 1: PERIPÉCIAS DA PRINCESA

CAPÍTULO 2: O RETORNO DE PETRA



CAPÍTULO 1

Era uma vez uma princesa chamada Petra que morava em um reino muito Chavoso. Um dia a princesa conheceu um pobre chamado Renan; ele tinha um pombo de estimação, o Jorge, até que a Petra faminta resolveu comer o pombo só para ver o pobre piolhento se afundar em desespero e, devido a isso, a Petra ficou muito Marombeira.

Conseqüentemente, Renan tomado por ira, resolveu atacar a princesa com uma vaca, fazendo assim com que ela morresse de leptospirose. A guarda real, vendo a cena, imediatamente confrontou o miserável com uma jujuba, mas o miserável era um gênio, então ele grita:

– É hora do duelo!!!!!!

Porém os soldados imperiais eram muito fortes, o pobre já não tinha quase mais esperança, devido ao fato de os soldados já terem invocado três dragões brancos dos olhos azuis. Mas, confiante no coração das cartas, em sua última jogada, o paupérrimo consegue evocar o proibido, isso mesmo, Exodia estava em campo e de imediato o duelo acaba, fazendo assim do pobre o vitorioso e possibilitando sua fuga.

CAPÍTULO 2

Anos se passaram desde a morte da princesa, porém ela nunca foi esquecida pelo bardo, cujo nome era Fernando. Ele era loucamente apaixonado por Petra, e desde sua morte, iniciou uma jornada para encontrar as lendárias esferas do dragão. O impossível se tornou possível, lá estava o bardo diante das 7 esferas; finalmente poderia realizar seu desejo de trazer Petra de volta à vida.

Assim foi feito, a princesa retornava de volta aos mortos, virada no jiraya estava. Sem perder tempo, o bardo se ajoelhava, e uma linda canção entoava, o mesmo que ali cantava:

– Seu sorriso é tão resplandesceeeeeeeenn –.

Mas, o quê? Por isso Fernando não esperava e naquele momento Petra o chutava e debochava dele.

– Haaa, até parece que um pobre bardo como você é digno de ter um tesouro como eu!

No chão desacordo, ali o Fernando ficava, em meio deserto, ali era deixado era para morrer.

A princesa que voltava mais gótica do que nunca, naquele momento vingança declarava e por assim Renan irá procurar. Ao coletar informações, descobriu que o seu assassino, em uma jornada, embarcou, e um tal de Muzy procurou.

Ao longo de uma longa caminhada, ali a princesa o encontrava, na fila de autógrafos do Muzy, o seu fim chegava. Com tanta ira, o pobre a princesa chutava e na sua força exagerou, o mundo assim explodiu. E assim essa estória se acabou.

A HISTÓRIA DA TATUAGEM

JEFFERSON AUGUSTO DE OLIVEIRA LEITE

O Ailson conhecia a bonita Luciana há muitos anos. Em um belo dia, decidiram fazer uma tatuagem. Então, pegaram um inteligente computador e foram até o estúdio de tatuagem mais próximo.

André, o tatuador forte, que estava de ressaca e muito sonolento, sem querer se confundiu e usou o livro da Roberta, sua esperta amiga, para tatuar. Indignados com a situação, Ailson e Luciana pegaram a caneta do André e fugiram do estúdio sem pagar. O tatuador e sua amiga, sem escolhas, usaram uma toalha para se organizarem e com um alto suplemento foram atrás dos fugitivos.

Durante a perseguição, um magro rapaz avistou os fugitivos usando uma forte garrafa enquanto dirigiam uma moto com uma limpa faca. Imediatamente, o rapaz jogou um carro neles fazendo com que eles caíssem. André e Roberta causaram uma enorme confusão quando alcançaram o Ailson e a Luciana. De repente, a polícia chegou e prendeu todos os que estavam no local.

Moral da história: Não trabalhem de ressaca.

FIM

TEMPO

CAMILA PÓVOAS TAVARES



Um homem anda de madrugada pela rua. Ele não sabe que horas são, ou para onde deve ir. Mas não importa. Ele já não tem mais objetivo. Não respira mais o ar frio da noite e o sente preencher seus pulmões. Não olha para o céu escuro e não enxerga mais as estrelas. Ele só segue em frente, numa linha em ziguezague, sem saber o que fazer, sem ter para onde ir, sem um destino.

O homem costumava ver o mundo de uma forma diferente das outras pessoas. Para ele, cada detalhe era bonito e digno de apreciação. A vida não passava de algo certo, sem mistérios. Uma coisa eterna, ao contrário dos relógios, inexistentes. Mas esse homem não existe mais. Não é o mesmo homem que agora anda pelas ruas com um relógio quebrado no bolso, que anuncia com um barulho tímido cada batida de cada segundo. Não é o mesmo que olha para tudo sem realmente ver nada. Ele não sabe o que vê. Ninguém sabe. Ele fez questão disso quando aceitou em si mesmo algumas dezenas de minutos de uma outra vida que não existe.

Definitivamente, o homem que agora se encolhe numa esquina escura da rua não é o mesmo que há algum tempo tinha uma vida real e orgânica. Uma que talvez valesse a pena ser vivida. Esse é um alguém totalmente diferente, que tenta alguma coisa ao induzir uma nova realidade aos seus neurônios. Nem ele sabe ao certo qual é essa realidade.

A verdade é que essa nova realidade que ele achou que escolheu para si não é exatamente a que queria. Ele não sabe o que seu corpo e sua mente desejam, não mais. Tenta sufocar os apelos de si mesmo com mais fantasia barata, com mais induções sinápticas que fazem com que seu corpo relaxe e se esforce ao mesmo tempo.

No fim, a realidade da qual ele ouviu falar não existe. Ele não conseguiu ver o alguém que esperava ver ou o alguém que queria ser. Ele não viu um mundo melhor, e nem conseguiu colocar um filtro sobre o que já tinha. O que conseguiu, por alguns minutos, talvez por algumas horas, foi calar a sua voz interna, que gritava por algo, desesperadamente, implorando por qualquer coisa. Talvez implorando para que o relógio agora quebrado em seu bolso parasse mais uma vez de fazer barulho, ou que pelo menos os ponteiros fizessem *tactic* ao invés do *tictac* incessante.

O relógio estava quebrado porque o homem o atirou no chão. Sem piedade, num momento de desespero. O vidro rachou, e o que antes era silencioso passou a lhe lembrar todos os momentos que estava continuando em frente, e que a cada

segundo deixava uma pequena parte do seu antigo eu para trás. A cada segundo, um resquício do que já havia sido virava pó e viajava pelo ar junto com a poeira do mundo, sempre subindo ou descendo, em direção ao desconhecido. A cada segundo, mais e mais partículas iam embora e deixavam para trás um vazio que muito em breve se tornaria uma mera carcaça no chão de um beco sujo, fedendo a restos de vida.

Talvez aquele cheiro fosse de si próprio. Os restos poderiam ser de si mesmo, pois sentia que estava se desfazendo a todo instante. E, para tentar calar a voz do objeto em seu bolso, ele disse sim ao mundo químico e maleável que pensou que poderia construir para si.

Ele não conseguiu. A massa de sua própria mente e a argila de seu próprio mundo eram duros demais para que pudessem ser moldados. Mas a voz do relógio se foi e, por um momento, ele respirou. Não conseguiu sentir o frio do ar, ou ver o brilho das estrelas, mas não sentiu dor pela primeira vez em muito tempo. Havia somente um nada, igual a antes, mas dessa vez era um nada suportável que não lhe impunha tipo algum de expectativa ou objetivo a ser cumprido. Era uma alternativa muito melhor do que aquela de ser consumido por si próprio e sentir suas entranhas resmungarem e batalharem contra o próprio corpo.

Por muito tempo, o homem que um dia existiu esperou que pudesse ter de volta o que um dia possuiu. Ele olhava para os lados a todo momento, quando escutava o mais leve e singelo dos sons e sentia crescer uma esperança dentro do peito de que o relógio haveria de ter parado e lhe dado de volta o que um dia lhe pertenceu. Mas não havia nada lá. O tempo não lhe dava nada de volta, e a percepção de que só há uma chance e que a cada segundo o que um dia foi sua realidade se torna cada vez mais inalcançável lhe acertou em cheio, profundamente, no fundo de seu coração.

O homem que um dia existiu desejou mais do que tudo poder parar o barulho daquele maldito relógio em seu bolso e poder voltar para o mundo que amava. Ele queria segurar cada segundo perdido em suas mãos, abraçá-los com força contra o peito e nunca mais os deixar ir embora. Queria usar aqueles segundos maleáveis, feitos de pura esperança e compostos de todo tipo de potencial, para tentar moldar o seu passado do mesmo modo que um dia um escultor famoso retirou do mármore pessoas que estiveram presas, esperando para serem libertadas. Mas a cada tentativa, mais ele se sentia preso em uma rede invisível. Quanto mais tentava libertar seu passado daquele mármore invisível, mais sentia que os fios do futuro se enroscavam em seu corpo e o forçavam, puxando-o para a frente, onde

o barulho do *tictac* do relógio se tornava cada vez mais alto. Cada vez mais longe do sonho que um dia viveu.

Ele tentou alcançar, agarrar com as próprias mãos a figura que começou a aparecer entre a massa maleável do tempo. Era só uma silhueta, quase irreconhecível, mas sua mente deu um jeito de preencher as lacunas e transformar a escultura amorfa em seu desejo mais profundo. Enquanto os fios do futuro o puxavam para a frente, ele estendeu a mão, tentando segurar a argila entre os dedos. Mas, quando o fez, ela se desmanchou, de tão maleável que era. E quando o homem que um dia existiu a perdeu e percebeu que mesmo se esticando o máximo que podia não conseguia mais alcançar o seu passado, acabou se tornando o homem que existe hoje. O mesmo que jogou no chão o relógio que o agonizava, numa tentativa desesperada de parar o tempo. Não funcionou. E cada partícula que compunha o que um dia foi começou a desvanecer no infinito vazio que era o mundo, a vida.

Sentir isso, partes de si voando para longe de seu corpo, era doloroso. Mas não tanto quanto sentir seus órgãos, suas células que não o abandonaram, implorando para ter de volta o que um dia tiveram. Implorando por mais tempo, por uma segunda chance, por só mais um segundo. Mas não havia ninguém para escutar e muito menos para realizar o pedido. Então, o homem que um dia existiu, que um dia olhou desejoso para as estrelas, que via cada detalhe do mundo ao seu redor e o achava perfeito e que nunca havia percebido que carregava um relógio, se foi aos poucos, em direção ao além, deixando a carcaça dormente no chão do beco. Completamente anestesiado, alheio ao mundo e a si próprio, mas principalmente ao *tictac* inquietante do relógio quebrado em seu bolso.

Em algum momento, não se sabe exatamente quando a ilusão química que tomava conta de sua mente trouxe consigo uma onda forte, que tomou conta de todos os seus neurônios, de todas as suas sinapses. Essa ilusão que não tinha poder algum fez o homem que existe agora conseguir enxergar uma silhueta irreconhecível no céu que um dia amou, a sombra do maior desejo do homem que um dia existiu. Depois de muito, muito tempo, aquela carcaça jogada no chão conseguiu sorrir e levantar mais uma vez as mãos, tentando agarrar novamente o que um dia aconteceu.

Talvez ele tenha conseguido alcançar, quem sabe, o que queria. Ou talvez tudo tenha sido fruto do seu próprio corpo, que sabotou a si mesmo ao se virar no chão e colocar todo o seu peso no relógio já quebrado que insistia em funcionar. Seja o que for, foi o necessário para calar o seu barulho e parar definitivamente os seus ponteiros.

O homem queria os segundos de volta. Queria uma forma de voltar no tempo e conseguir recuperar o que perdeu, mas isso era impossível. Mas ele fez o relógio parar. Os segundos deixaram de existir. Agora só há um nada novamente, que não irá nunca mais ser preenchido por nenhum tipo de barulho. Um nada silencioso, calmo, que não desespera. Um nada induzido, talvez, pela ilusão que colocou para dentro de seu corpo e anestesiou o seu desespero. Um nada que lembra vagamente o silêncio descuidado da juventude e o apreço que passou a existir pelo passado. Então talvez agora o homem que um dia existiu tenha deixado por completo a carcaça que um dia o compôs para trás. Talvez ele esteja nesse momento junto com a poeira que um dia amou, subindo e descendo vagarosamente pelo mundo que nunca deixou de existir, em uma realidade inteiramente nova que talvez lhe agrade e traga as sensações boas de volta. Talvez, quem sabe, ele se sinta abraçado de novo pela vida, já que a deixou para trás.

O homem queria mudar o tempo, mas não pôde. E sofreu por isso, quando tudo o que precisava fazer era deixar o seu relógio para trás e abrir mão de sua carcaça. Ele só precisou abrir suas asas, metaforicamente é claro, já que não havia asas para levá-lo. Então suas asas passaram a ser a ausência completa de todo e qualquer tipo de peso, largado num beco escuro que fedia aos restos de vida deixados para trás.

Agora partícula, o homem que voltou a existir se juntou às estrelas que admirava. Faz parte dos cantos feios e ignorados do mundo que um dia valorizou. E agora, muito calmamente, compõe a arte da vida e faz parte de cada recanto, de tudo e de todas as coisas. E, principalmente, faz parte daquele passado que um dia amou.

SER DIFERENTE É ESPECIAL

RAFAELA SANTINO DA SILVA



Ser diferente é especial
Não importa se você tem problema, você é especial
Tem que ser tratado igual
Para o mundo você é essencial

As diferenças nos fazem refletir
Um novo modo de agir
Respeito em primeiro lugar
Para novos caminhos conquistar

Você veio para o mundo com uma missão
Sempre terá apoio, amor e dedicação
Seus talentos escondidos mostrar
Até que todos se surpreenderão

Todos nós temos capacidade
Podemos transformar sonhos em realidade
Ser diferente nos dá mais motivação
Para enfrentar os desafios com amor no coração

MARIANA E A CONQUISTA DO SÉCULO

RAFAELA SANTINO DA SILVA



Há muito tempo, onde havia lindas florestas virgens na Alemanha, vivia uma linda garota de cabelos pretos como um carvão, olhos azuis como o mar e a pele branca como a nuvem chamada Mariana.

Ela era formada em química industrial, onde passara a boa parte do seu dia trabalhando em uma indústria de petróleo, um ponto final, um dia chegando no trabalho disse:

– Olha, queridos amigos, um dia ainda vou descobrir algo que vai marcar o século! Os seus colegas rindo, disseram:

– Mariana, acorda para vida, você não passa de uma mulher que trabalha o dia todo no meio dos homens!!!

– Vocês são todos um monte de machistas, vão ver que eu vou fazer história - disse Mariana toda triste, pois ela era a única mulher dentre os 60 funcionários homens. No cair da tarde, Mariana foi para casa, meio triste com que os colegas falaram. Sua mãe chamada Vivian perguntou:

– O que houve, filha? Que bicho mordeu você para ficar com essa cara?

– Ah, mãe, hoje eu fui zoada no trabalho só porque disse que eu iria fazer uma descoberta do século.

– Não ligue para eles, filha! Eu confio em você, pois você é muito inteligente e é capaz de conquistar tudo o que deseja. Dizendo essas palavras, deu um grande abraço.

No dia seguinte...

– Pessoal, hoje vamos cavar bem fundo para achar petróleo, ok? disse Mariana. Joseph, um dos funcionários, irritado, disse:

– Ô, dona do pedaço, você não manda aqui não, tá? É só uma funcionária e nada mais do que isso. Ao ouvir isso, Mariana se jogou em cima dele dizendo:

– Olha aqui, cabelo lambido, eu não estou dando ordens e sim lembrando que o nosso trabalho é esse.

Passaram-se uns meses e Mariana descobriu a conquista do século: petróleo de diamante. Ficou muito rica, famosa, casando com Sheik, dono de terras, petroleiros ponto final e viveu feliz e sendo reconhecida até o fim dos seus dias.

SE EU ESTIVESSE PRONTA

DANIELE DA SILVA LOPES



saberia o resultado dessa equação
mas eu esqueci a fórmula
esqueci a hora
cheguei tarde, cheguei cedo

saberia o passo
mas eu danço em ritmo
coreografia criados no ato
e o palco ainda desenho

saberia minha idade
em que calendário está?
quantas luas e sois
que importa
nasço e morro todo dia
tenho anos de sabedoria e imaturidade

saberia teu nome
às vezes, acho que te chamam como eu
outras, que de tão desconhecido
nunca conseguirei pronunciar

se eu estivesse pronta
teria um ponto final
mas continuo escrevendo com vírgulas
reticências, interrogações
e que isso fique mesmo inacabado

AMIZADE VIRTUAL

DANIELE DA SILVA LOPES



A linha sempre fora torta
E nessa casa nunca houve porta
Convite feito e aceito
Pra um canto no peito
Sem receita, sem manual
Fizemos de um encontro virtual
Uma amizade ideal
Nunca será preciso
Estarmos no mesmo piso
Se estamos juntos em dores e risos

MAL INICIADO, ACABADO

DANIELE DA SILVA LOPES



estou desistindo
indo, partindo
um adeus rouco
para tão pouco

malas não desfeitas
não digo fico
escuto, vá
sigo

repito enredo
escondo segredo
não ganho
perco

outra hora
outro agora
futuro já passado
mal iniciado, acabado.

TEM UMA MULHER ASIÁTICA MORANDO NA MINHA CASA

GABRIEL ALVES DE LIMA

Desde que eu sou pequeno, tem uma mulher asiática morando na minha casa.

Ela usa roupas tão coloridas que, às vezes, sinto como se houvesse uma falha no espaço-tempo e que essa mulher ainda vive nos anos 70 e atravessa a fenda temporal apenas para encher seu copo com gim na cozinha, já que essa é a única coisa que ela faz, além de assistir à televisão. Eu a chamo de tia, embora ela não seja exatamente minha tia.

Quando mais novo, perguntei a minha mãe se ela era da nossa família e ela disse que sim, que era uma prima, mas que era a melhor amiga de uma das minhas tias de verdade, mas isso na época em que as duas eram mais novas e, claro, quando a minha tia de verdade era viva.

O fato de essa mulher ser asiática ainda intrigava minha mente que queria descobrir o mundo: Eu sou asiático?

E, então, veio uma grande explicação sobre como ela é nossa prima pelo lado de sua mãe, que não era asiática, mas que a família de seu pai veio há muito tempo pra cá, lá do outro lado do mundo, onde minha tia, que não é minha tia, uma vez disse que o sol é feito de ouro.

Ela é tão sozinha, pensei. E foi o único pensamento que não era uma pergunta, mas uma afirmação.

Às vezes, ficamos nós dois na frente da tv, sem falar uma única palavra, apenas apreciando um bom e velho programa de culinária e é tão bom só ficar lá curtindo o silêncio quase perfeito, apenas interrompido pelo som baixinho da tv antiga que ela não joga fora de jeito nenhum, embora minha mãe já tenha se oferecido para comprar uma nova, e sentindo o cheiro que não é de gente velha, mas é o cheiro dela, de tia, mesmo não sendo bem minha tia.

Tem uma mulher asiática morando lá em casa e, embora ela só transcenda a barreira do espaço-tempo quando tem que encher seu copo com gim, às vezes é bom ir lá nos anos 70 só pra fazer companhia a ela e curtir o silêncio que só ela sabe fazer. Silêncio de tia, mesmo não sendo bem minha tia.

SÚPLICA

ADRIANO FELIPE DA SILVA



Quando eu só te vi/

Em qual momento eu me abandonei? Em qual momento eu escolhi você?

Às vezes tento descobrir por que rasgo tanto meu peito e sou cruel comigo mesmo. Eu já sei que devo me amar. Mas me prendo ao que foi e o que foi, foi, passou, ficou para trás.

Por que não corro segurando a minha mão? Por que não sigo eu mesmo... eu mesmo permaneço aqui e nunca - *nunca* - jamais devo esquecer isso: eu ainda estou aqui.

Algum anjo me mostre, desça do céu e me mostre o que não enxergo. Estou na montanha - eu sou montanha - mas não vejo transparência no que sou e nem no que devo ser.

O que eu devo ser?

Queria nos ler, ler nossas lembranças.

Ler de fora o que se passa comigo.

Eu me perdi.

Por que me perdi? Eu já me vi, por que me perdi?

Me perdi por você? Nunca jurei nunca mais me perder por alguém.

Talvez todo mundo tenha o direito de se perder, já que estamos em constante mudança... mas espero que um dia eu me encontre nas mudanças.

ME MOSTRE, OH, CÉUS, LIBERDADE. O QUE EU NÃO ENXERGO? DO QUE EU FUJO?

do sentir.

O sofrimento faz parte, não devo negá-lo. Não devo fingir não sentir. Nem fugir.

Acho que eu vejo.

/Quando eu me vi\

Hoje eu nasci de novo.

O que foi o ontem?

O ontem eu não sei. Só sei que o que pode ser de mim no *hoje*.

Eu corro; eu me finco no meu peito.

Eu corro.

Eu me agarro.
Eu permaneço.
Eu me guio; eu já sou um anjo.

As palavras me fogem e eu me perco de quem já fui um dia.
Quem já fui olhou para as cores do alto, as cores me cercavam e eu as respirava. E isso é o que eu permito do passado continuar: ver as cores e ser o topo.
Você se foi e eu me fico. Isso é o que importa.
Eu t(m)e liberto.
Aqui eu nasço de novo.
Devo respirar. Devo me soltar. Devo me ler. Devo me amar.
As palavras não me pertencem mais. Até elas se foram. Mas eu ainda permaneço.
Fé.
Eu cheguei até mim. Eu vou ficar.
Eu *son.*
Hoje não vou mais sentir você: sentir você é o que não tem.
Hoje eu quero mudar.
Hoje não vou mais pensar em você; lindo, eu já sou um anjo, sei como ser livre.
Hoje vou *mais* pensar em mim, que venha a minha liberdade; lindo, sei como ser livre, então serei.
Monte Everest me chama.
Irei.
Eu sei.
Eu sei como ser livre, então me amo, pois eu serei.

LÁGRIMAS VAZIAS

ADRIANO FELIPE DA SILVA



O vazio o preencheu, alargou-se e não foi embora.

A solidão começou na cabeça, nos pensamentos confusos por não saber quem ele estava sendo; a solidão mudou de lar e se fincou em seu coração: a cada bater, a cada pulsar a solidão se espalhava.

O vazio e a solidão brigavam por um lugar a ocupar. A solidão ficava por ter muito espaço; o vazio permanecia por *ele* não viver com sentido.

Ele se embriagava com álcool, quebrado, cansado, um lixo, um nada.

E ele chorava ao se dar conta do peso de ser um... nada.

Ele era o quase melhor aluno; o quase sensual; o quase divertido; o irmão que quase deu sentido para sua irmã não se entupir de dezenas de comprimidos; ele era o quase amor capaz de fazer o seu amado ficar. Ele era um quase. Um quase louco e um quase do quase tudo. Ele era um tanto quase, que não era nada.

E ele chorava.

Suas lágrimas pesavam a solidão, pesavam a confusão e pesavam o plano de suicídio.

1. O INVISÍVEL AOS OLHOS

GABRIELE JOANA DE SOUZA FELICIANO DA SILVA



Eu queria que você pudesse me enxergar, mas não apenas o que a sua visão consegue alcançar; queria que você fosse mais além no meu olhar.

Queria que você pudesse ver a minha essência, não apenas a aparência; essa casca que nos rodeia e que, para tanto, vale mais que o pensar.

Queria que você visse quem realmente eu sou, não o que todo mundo já sabe e o que eu permito mostrar.

Queria que você conseguisse compreender como eu me sinto, não apenas me questionar e, às vezes, se colocar no meu lugar.

Queria que você pudesse ver que o amor está presente até em um simples olhar e que ele é mais que as palavras que costumam falar.

Queria que pudesse perceber que nem é sempre se manter no lugar e o quanto é difícil sorrir ao invés de chorar.

Queria que pudesse ver o quanto a vida, às vezes, é sem sentido e como é difícil dizer adeus quando se quer ficar.

Queria que pudesse sentir como dói perder alguém e imaginar como seria ir no seu lugar.

Queria que pudesse sentir a brisa ou deixar as gotas da chuva te molhar,

Queria que pudesse não se prender tanto aos medos

Queria poder te fazer arriscar.

Queria fazer- te, quem sabe, meu confidente e por completo me entregar

Queria poder tantas coisas, mas como dizem por aí, querer nem sempre é poder, mas queria ter o poder para te fazer me enxergar.

2. MINHA HISTÓRIA

GABRIELE JOANA DE SOUZA FELICIANO DA SILVA



Na minha história, eu sou livre

Livre dos medos, livre da indecisão, livre do escuro, livre feito um pássaro na imensidão.

Na minha história, eu sou corajosa, eu que tomo as decisões,

Na minha história, eu faço o que eu quero sem temer a retaliação,

Na minha história, eu grito, grito o que sinto, o que fica embargado no meu peito, ou o que fica na ponta da língua esperando o seu momento de libertação,

Na minha história, eu sinto e sinto tudo ao extremo, mas não vou ao extremo, pois consigo encontrar a moderação,

Na minha história, eu sou fim de tarde quando beija a escuridão, Na minha história eu sou uma alma livre vagando na imensidão,

Na minha história, eu não culpo o tempo, por não ter me dado mais tempo para fazer o que eu quero sem preocupação,

Na minha história, eu danço e danço vagamente entre os espaços da solidão,

Na minha história, o amor é contramão, que espera o impacto do que vem na sua mesma direção,

Na minha história, a saudade é aquela amiga distante, que vez ou outra chega de repente sem dar explicação,

Na minha história, eu sou um beijo apaixonado ou quem sabe aquele que te arranca o ar dos pulmões,

Na minha história, eu sou a minha própria casa, meu acalento, minha própria proteção, Na minha história, o fracasso faz parte da evolução e o fim do poço vira escada para outra dimensão,

Na minha história, eu sou rota de fuga, mais rápida que a velocidade da luz ao sofrer refração,

Na minha história, o ponto vira vírgula ou exclamação,

Na minha história, eu dito as regras, xequete mate ou recomeço e qual será a continuação,

Na minha história, eu sou o que eu quero, sou o que eu penso, sou o que eu sinto, sou quem sou e não o que dizem ou o que rotulam ou o que me medem, tentando me fazer encaixar nesse mundo sem noção,

Pena que como de início, é apenas minha história, algo fictício, onde a real realidade fica na Terra do Nunca, enquanto minha real história sofre constante mudança e adaptação, para se encaixar no roteiro da vida, essa autora sem compaixão.

3. TEXTO

GABRIELE JOANA DE SOUZA FELICIANO DA SILVA



Eu vejo pessoas perdendo a vida por conta da violência,
Eu vejo abraços que foram desejados, porém não foram dados, Eu vejo um “eu te amo” perdido por conta do orgulho,
Eu vejo pessoas se corrompendo por conta de dinheiro, Eu vejo sorrisos que deram lugar a lágrimas,

Eu vejo amores que não foram correspondidos, Eu vejo famílias se destruindo,
Eu vejo a desigualdade nas esquinas,
Eu vejo a fome tirar o sono de muita gente, Eu vejo a dor do abandono nos olhares,
Eu vejo sonhos que foram interrompidos,
Eu vejo as pessoas se perdendo na pressa do dia a dia, Eu vejo momentos que deixaram de ser vividos.
Eu vejo tantas coisa, porém não vejo o amor sendo regado e os valores cultivados,
E a vida continua seguindo e as pessoas continuam fingindo não ver nada.

A PRINCESA DO NORDESTE EM: ERA SOL O QUE EU SEMPRE QUIS!

PAULO HENRIQUE CARNEIRO DE VASCONCELOS

Um certo dia, voltando da escola pela estrada de barro seco, Elsa se depara com uma lâmpada mágica muito bonita e resolve tentar a sorte.

– Olá, meu nome é Olaf e lhe concedo um único desejo - disse o gênio.

A garota pensou bastante e pediu que nevasse em sua pequena cidade.

Por sua vez, o gênio trapaceiro e maldoso, a transformou na princesa de gelo e a partir daquele instante tudo que ela tocava virava floco de neve, Elsa entra em desespero ao perceber que não poderia mais abraçar seus pais e nem brincar com outras crianças.

– DingDong! DingDong! DingDong! - a campainha toca sem parar.

Elsa levanta do sofá de forma assustada e vai abrir a porta, eram seus vizinhos

Ana e Christian, que foram chamá-la para andar de bicicleta no parque, daí então a ficha dela caiu que tudo não passou de um sonho maluco e que ela já era uma menina realizada.

FENDA

CLECIA JULIANA GOMES PEREIRA AMARAL



vem costurar meu peito
põe teus dedos, tua língua
faz esse elo com saliva

teu corpo cola
une, registra
alça a tesoura do tempo
que abriu a lembrança
espaço do desejo

vem costurar a fenda
fissura do teu nome
entremeio do abrigo
que lateja tuas veias
corpo, escândalo, perigo

vem

PALMA DAS MÃOS

CLECIA JULIANA GOMES PEREIRA AMARAL



o que tens nas mãos é o pulso do sexo
em uso conexo dos nossos membros
não apenas superiores

cobertos pelo manto da madrugada
testemunha da estrada que decidimos seguir

o que tens nas mãos é a faísca do encontro
território abençoado, pelo tempo consagrado

memória velada
utopia organizada do hoje
do amanhã e do por vir

CORDIA UMBILICAL
CLECIA JULIANA GOMES PEREIRA AMARAL



quando vejo espelhar
a coreografia mais bonita

corpos uni
gestos multi
solitária cordia umbilical

SOBRE A COMISSÃO JULGADORA



Foto 4 – Comissão Julgadora e equipe PROEC: (da esquerda para a direita) Emanuella Mirna, Rosa Tenório, Cláudia Veloso, Cristina Marques, Luciana Oliveira, Andréa Bandeira, Luiz Alberto Rodrigues e Raphael de França. Imagem do acervo da PROECCultura.



ANDRÉA BANDEIRA

Coordenadora de Cultura
PROEC/UPE

Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde defendeu a tese intitulada **Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960** (2012). Titulou-se Mestre e Bacharela em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apresentando a dissertação intitulada **As beatas de Ibiapina: do mito à narrativa histórica** (2003) e **O sagrado e o profano: as mulheres no tempo das Cruzadas** (2000). É Historia-

dora e professora de História no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade de Pernambuco, onde desenvolve atividade de pesquisa e extensão, com vários projetos realizados e financiados, além de ser gestora na Coordenação de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Atualmente, é líder do grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais (NUPECS/UPE), vice-líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos de Gênero (NUPEGE/UFRPE), integra grupo de pesquisa ProjetAH – História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões (UFPB), coordena o Grupo de Trabalho Nacional de Estudos de Gênero da ANPUH Brasil e dirige o programa de *podcast* **Segundas Feministas, seu programa de história on-line**. Autora e organizadora de várias publicações na área de história, tais como: **Nas Margens, lugares de rebeldia, saberes e afetos** (EDUFBA, 2022); **Gênero, identidades políticas no século XXI** (EDUPE, 2021); **Tempo de contar e Segundas Feministas, Livro 1** (no prelo, 2023). E-mail: andrea.bandeira@upe.br.



EMANUELLA MIRNA

Doutora em Letras, no campo da Teoria da Literatura, na linha de Literatura, Sociedade e Memória, pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Fez Doutorado sanduíche na Université Clermont Auvergne, França, ligada ao Centre de Recherches sur les Littératures et la Sociopoétique (Celis), ao qual passou a integrar, desde então, como membro associado, e defendeu a tese intitulada **Sobrevivência do regional: memória, imaginário e mito na literatura contemporânea brasileira**.

Além desse grupo, integra o D.E.R.I.V.A. (Derivações e Representações Interartísticas das Vozes do Atlântico), ligado à UFPE. É Mestra em Letras, no mesmo campo e linha, pela mesma universidade. Possui Graduação em Letras, com ênfase em estudos literários, cursada também na UFPE. Profissionalmente, atua, sobretudo, na docência de literaturas de língua portuguesa, de línguas (português, francês e inglês) e de cultura brasileira no ensino superior. Trabalha também com apoio administrativo-pedagógico no ensino superior, além da produção de material didático, revisão de textos, edição e crítica literária. E-mail: manuella.mirna@upe.br



MÃE BETH DE OXUM

Mãe Beth de Oxum é Iyalorixá do Ilê Axé Oxum Karê, mestra coquista e comunicadora pernambucana, com mais de 30 anos de atuação em Olinda. Há 22 anos, fundou a sambada de Coco no bairro do Guadalupe junto com seus filhos e seu companheiro, o músico Quinho Caetés. O Coco de Umbigada acontece mensalmente e é um importante movimento de valorização da cultura popular nordestina. Também é fundadora do Afoxé Filhos de Oxum, um dos primeiros a incluir

mulheres na percussão. Sempre atuando na luta contra o racismo, contra o preconceito religioso de matriz africana e pela democratização da comunicação.

Como percussionista, durante quase dez anos percorreu o Brasil e o mundo, tocando nas bandas de Lia de Itamaracá e Selma do Coco. É criadora do Cineclubes Macaíba, que promove exibições com sentimento de pertencimento com a cultura popular. Compõem o Coletivo Mídia Livrista Nordeste Livre, que criou a Rádio Amnésia, rádio comunitária do ponto de cultura Coco de Umbigada que funciona na sua casa no Beco da Macaíba. Em 2015, Mãe Beth recebeu a comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, ordem honorífica dada a personalidades brasileiras e estrangeiras como forma de reconhecer suas contribuições à cultura do Brasil. Em 2017, realizou uma turnê internacional, 'Tá na hora do pau comer', que passou por Berlim, Viena, Frankfurt, Berna e Zurick. O Coco de Umbigada garantiu sucesso de público e crítica na Europa. Em Agosto de 2021 foi reconhecida como Patrimônio Vivo de Pernambuco, Mãe Beth é a primeira Ialorixá a receber o título de Patrimônio Vivo. E-mail:



RAPHAEL DE FRANÇA

Doutor em Educação Matemática e Tecnológica (2022) pelo EDUMATEC/UFPE, tendo obtido o título de mestre pelo mesmo programa (2019). Possui Licenciatura em História (2013) e Especialização em Educação em Direitos Humanos (2015) ambas pela UFPE. Atua profissionalmente como Coordenador de Mídias Pedagógicas na Extensão da UPE, ministra aulas nos cursos de pós-graduação em EAD na Fagima/IDK, também é coordenador

do programa **Mídias Pedagógicas**, na extensão universitária da UPE, com financiamento do Programa de Fortalecimento Acadêmico da UPE, e, Coordenador da UPE no Projeto **Equipes Extensionistas para Letramento Digital**, financiado através do Edital Facepe 14/2022. Faz parte do **Lócus de Inovação em Territórios de Vulnerabilidade Social**. Atuou como educador na TVPE (2017-2020) e como Coordenador de EAD do **PRE-VUPE** (2021). Atua no ensino superior, lecionando disciplinas relacionadas à educação, tecnologias digitais na educação e educação à distância. Também atua na formação continuada de professores, do nível básico ao superior, nas temáticas relacionadas à utilização de tecnologias na educação, metodologias ativas e ensino híbrido. Atua em pesquisas científicas nos seguintes temas: Tecnologias na Educação; ensino híbrido; Metodologias Ativas na educação; Avaliação de aprendizagem com tecnologias digitais, educação tecnológica, mídias na educação, educação, comunicação, direitos humanos e formação audiovisual. E-mail: proec.midias@upe.br



RENAN CABRAL

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (2013-2018), dedicado ao tema da segurança energética em sua relação com a sustentabilidade do desenvolvimento. Possui mestrado na mesma área e instituição e graduação em Ciências Sociais (Licenciatura), também pela UFPE. Desde 2015, é professor da Universidade de Pernambuco (UPE), atuando no curso de Licenciatura em Ciências Sociais. É membro fundador do Núcleo de Pesquisa de

Ciências Sociais da UPE (NUPECS) e também do Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento (D&R-UFPE). Em janeiro de 2014, cursou a segunda edição da Escuela de Verano en Métodos Mixtos no Instituto de Ciencia Política da Universidad Católica (Chile). Desenvolveu previamente trabalhos sobre políticas públicas de inclusão digital, desenvolvimento, desigualdade regional (Sudene). E-mail: renan.cabral@upe.br



ROSA TENÓRIO

Concluiu mestrado em Educação pela UFPE na linha Educação e Espiritualidade (2013). Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (1987). Especialização em História pela Universidade de Pernambuco. Atualmente é professora Assistente da Universidade de Pernambuco, compondo o Colegiado de Licenciatura em Educação Física. Tem experiência na área de História, Educação e Filosofia, com ênfase em História;

Na graduação lecionou as disciplinas História Antiga, História Medieval, História Moderna e História e Gênero, História da Educação, Filosofia da Educação. Atualmente leciona Iniciação ao Pensamento Científico. Nesse momento concentra suas pesquisas sobre estudo de gênero, tendo como aporte principal o teórico Michel Foucault, em sua última fase, quando tratou A História dos Prazeres e nos últimos seminários, no Collège de France (1982-1984), a Hermenêutica do Sujeito, em que faz abordagem sobre a ética do cuidado de si. Através da reconstituição de memórias, busca as alternativas de sujeitos periféricos – as mulheres, os idosos – como forma de constituírem a si, construindo resistências ao ideário do biopoder. Investiga gênero, cultura, cidadania, na perspectiva da subjetividade humana da estética da existência. Atuou como Assessora da Direção da UPE/Campus Garanhuns (2007 a 2010), foi coordenadora de polo de cursos técnicos à distância pelo IFET- Polo Garanhuns e Coordenadora de Polo do Curso Superior de Biologia - Polo Garanhuns. Foi coordenadora geral da Comissão Permanente de Concursos Acadêmicos de janeiro de 2019 a junho de 2021. Foi membro da Câmara de Graduação da UPE. Coordenadora Pedagógica da Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Autora do livro **Entre as flores do Café e os espinhos da vida: vozes femininas e processos de formação humana**. E-mail: rosa.tenorio@upe.br

